



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Raquel do Prado Xavier*

**Grupo e Instituições: nas tramas de *pathos*, o percurso da  
desilusão.**

**UBERLÂNDIA  
2013**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Raquel do Prado Xavier*

**Grupo e Instituições: nas tramas de *pathos*, o percurso da  
desilusão.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Anamaria Silva Neves

**UBERLÂNDIA  
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

X3g      Xavier, Raquel do Prado, 1965-  
2013      Grupo e Instituição: nas tramas de *pathos*, o percurso da desilusão / Raquel do Prado Xavier. -- 2013.  
118 f.

Orientadora: Anamaria Silva Neves.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Psicanálise - Teses. 3. Instituição social - Teses. 4. AIDS (Doença) - Pacientes - Teses. 5. Toxicomania - Teses I. Neves, Anamaria Silva. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

---

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



## *Raquel do Prado Xavier*

### **Grupo e Instituições: nas tramas de *pathos*, o percurso da desilusão.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Anamaria Silva Neves

#### **Banca Examinadora**

Uberlândia, 29 de abril de 2013.

---

Prof. Dr. (Orientador)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof. Dr. (Examinador)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof. Dr. (Examinador)

---

Prof. Dr. (Examinador Suplente)

**UBERLÂNDIA  
2013**

“Às vezes não sou mais do que um ateu  
desse deus meu que eu sou quando me exalto.”  
(Fernando Pessoa, *Novas Poesias Inéditas*, 1973).

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, pelo amor incondicional e (terno).

Aos meus irmãos, pela ilusão.

Anamaria, pela doçura, firmeza e apoio nos momentos mais difíceis.

Equipe Trilhas, Aline Schwartz, Chris Moura e Elaine Villar, pela inspiração.

Fabíola e Arthur, pelo companheirismo e delicadeza.

Fapemig, pela concessão da bolsa.

Francielle, pela ternura.

Karla, pelo carinho e cumplicidade.

João Luiz, por me instigar a dizer.

Marcela, Rafael e Júlio, por compartilharem a vida, (des)atarem meus nós e manterem vivas minhas fantasias.

Marineide, secretária do PGPSI, pela gentileza e cuidado.

Raphael Vinícius, pelas boas histórias e risadas.

Samuel, por me ensinar a amar verdadeiramente.

Aos meus sobrinhos, por compartilharem a alegria e a juventude.

Aos amigos distantes, Emílio, Beta e Batista, pela permanência.

## RESUMO

Este trabalho surgiu de meu interesse pelas formações grupais. Escolhi como campo de pesquisa uma organização não governamental, cuja finalidade é abrigar pessoas portadoras do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e sujeitos adictos. O objetivo da pesquisa foi fazer uma análise da mente institucional a partir do trabalho em grupo e do levantamento dos discursos da instituição. Ao longo da pesquisa, percorri por autores que corroboraram com a hipótese de que a mente grupal-institucional funciona analogamente à mente individual. Esta hipótese foi discutida e fundamentada na tese Freudiana de que assim como o psiquismo funciona como escudo protetor contra excessos de excitação oriundos do mundo interno e externo através da projeção, as instituições também podem fazê-lo ao servirem como depósito de conteúdos insuportáveis da mente de seus moradores. A pesquisa junto à instituição foi desenvolvida durante quatro meses com dezesseis encontros semanais de uma hora e trinta minutos cada. Foi utilizado o método psicanalítico, ancorado na relação transferencial pesquisador-pesquisa. A bizarrice foi apontada como característica da mente institucional pela presença da travestilidade em uma instituição de forte cunho religioso e pela forma como lidavam com o sofrimento psíquico através da naturalização e da indiferença. Na relação transferencial, a pulsão de morte fez com que os laços se estabelecessem a partir da identificação com o abandono e o desamparo. A partir dos encontros desvelaram-se quatro discursos na/da instituição: o da dependência química, do dispositivo da AIDS, da religião e da filantropia. A contratransferência possibilitou apreender que o funcionamento psíquico institucional se sustentava por esta trama discursiva paradoxal, violenta e perversa e que minha ilusão de cuidar da dor psíquica dos moradores se relacionava a isto. Discuti que as travestis utilizavam seus corpos como instrumentos de reconhecimento e representavam por isto, a negação da lei e da autoridade, podendo ser consideradas representantes do sintoma institucional. Concluí que a instituição não oferecia sustentabilidade para o desamparo por funcionar como um lugar de trânsito, de passagem, volátil, configurando-se como um paradigma da pós-modernidade.

Palavras-Chave: Psicanálise, Grupo, Instituição, Pathos, HIV, Dependência Química.

## ABSTRACT

This work grew out of my interest in group formations. Chosen as a field of research non-governmental organization whose purpose is to house people living with human immunodeficiency virus (HIV) and subject addicts. The objective of the research was to analyze the institutional mind from the group work and raising the speeches of the institution. Throughout the research, scoured by authors who corroborated the hypothesis that the mind-institutional group functioned similarly to the individual mind. This hypothesis was discussed and based on Freudian theory that just as the psyche works as a protective shield against excesses of excitement coming from the internal and external world through projection, institutions can also do it to serve as deposit unbearable contents of the mind of its residents. The study was designed with the institution for four months with weekly meetings of a sixteen hour and thirty minutes each. We used the psychoanalytic method, anchored in the transference relationship researcher research. The weirdness was identified as characteristic of the institutional presence of mind travestilidade in an institution of strong religious overtones and the way they dealt with the psychological distress through naturalization and indifference. In the transference relationship, the death instinct made to settle the bonds from the identification with the abandonment and helplessness. From meetings unveiled are four speeches in / institution: the addiction, the device AIDS, religion and philanthropy. Countertransference possible grasp the psychic functioning institutional supported himself by this discursive paradox, violent and perverse and my illusion of caring for the psychic pain of the residents was related to this. Discuss transvestites used their bodies as instruments of recognition and accounted for it, the negation of law and authority, may be considered institutional representatives of the symptom. Concluded that the institution did not provide for the sustainability of helplessness function as a place of transit passage, volatile, configuring it as a paradigm of postmodernity.

Keywords: Psychoanalysis, group, institution, Pathos, HIV, Addiction



## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1 - A Grande Máquina Mental e a Vida Coletiva.....</b>	<b>16</b>
1.1- <i>O sujeito psicanalítico: a grande máquina mental fora do corpo.....</i>	16
1.2- <i>O sujeito instituição ou a instituição como sujeito: gênese, afetos e afetações.....</i>	23
1.3- <i>As instituições totais.....</i>	31
1.4- <i>O laço no cenário grupal e institucional: narcisismo, masoquismo e perversão.....</i>	34
<b>2 - Pathos e a Pesquisa.....</b>	<b>45</b>
2.1- <i>Método e procedimentos.....</i>	45
2.2- <i>Apresentando-me: uma pesquisadora nas tramas de Pathos .....</i>	48
2.3- <i>Apresentando a Instituição.....</i>	52
<b>3 - O Laço Psíquico a Partir de Quatro Discursos .....</b>	<b>59</b>
3.1- <i>“Você está aqui para ensinar ou para aprender?” Fábio e o discurso da dependência química.....</i>	59
3.2- <i>O dispositivo da AIDS, a farmácia e o discurso pós-Moderno.....</i>	65
3.3 - <i>Rose e o discurso religioso: “Não basta cuidar de si, é preciso se doar também” .....</i>	71
3.4 - <i>“Tudo que me nutre também me mata” : o discurso solidário da filantropia.....</i>	75
<b>4 - Embates Transferenciais e Contratransferenciais.....</b>	<b>81</b>
4.1- <i>Dois (des) encontros desveladores.....</i>	81
4.2- <i>Um escudo protetor para o desamparo.....</i>	86
4.3- <i>Pesquisa e Ilusão: nas tramas do desejo.....</i>	92
4.4- <i>O início do fim da ilusão: o grupo de líderes.....</i>	95
4.5 - <i>“Até hoje”? O jornal e a derradeira desilusão.....</i>	100
4.6 - <i>As travestis e o sintoma institucional.....</i>	106
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>110</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>113</b>
<b>Anexo: Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.....</b>	<b>118</b>

## Introdução

A paixão pela grupalidade é antiga. Vem de minha infância e se estendeu pela adolescência. Cresci em uma família numerosa, ouvindo que o amor fraterno era incondicional e que o lema “*um por todos, todos por um*” era o ideal. Compartilhávamos tudo, desde os amigos até os brinquedos. A vida corria solta entre nós e tudo era de todo mundo. Em função da profissão de meu pai, a cada cinco anos, mudávamos de cidade. Aos 10 anos de idade, já em nova cidade, meu pai, preocupado com minha tristeza pela perda dos amigos antigos, levou-me até uma roda de crianças brincando na rua e apresentou-me como a mais nova moradora do bairro. A partir daí, passei a andar em bando e minha casa transformou-se em ponto de encontro dos amigos.

Na adolescência, tornei-me agregadora. Fazia questão de juntar os amigos, tornar conhecidos os desconhecidos, aproximar os distantes. Amigo meu era amigo de todo mundo, este era meu lema. Era sempre em minha casa que a turma se reunia e estar em grupo tornou-se fundamental. Hoje, as lembranças da infância e da turma da adolescência ainda alimentam a minha ilusão de que compartilhando a vida, tudo fica mais fácil. Mas hoje sei o quanto isto diz de meus afetos. Antes eu não sabia e, confesso, era melhor. Mas como o poeta, finjo a dor que deveras sinto e prossigo. Invento grupos, eu e todo mundo no meio, para me proteger. Em 2008, vivi o ápice da experiência grupal, passando férias em uma comunidade onde moravam aproximadamente vinte pessoas. O objetivo era compartilhar a vida comunitariamente e sobreviver do próprio sustento. Vivi ali a perda de parte de minha utopia. Por um lado, alcancei um nível de simplificação da vida desejável, mas viver rodeada por gente o tempo todo me fez questionar meu espírito grupalista. A experiência acabou sendo um misto de prazer e sacrifício.

Enquanto profissional, o interesse pelo coletivo sempre existiu e intensificou-se em 2003, quando desenvolvi um trabalho como psicoterapeuta de grupo de mulheres obesas em uma instituição pública. Este trabalho durou um ano e três meses e sua interrupção abrupta me permitiu experimentar uma sensação de aborto. Os impasses desta experiência levaram-me à escrita de uma monografia no II Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica da Universidade Federal de Uberlândia (2007) sob o título “*Grupos... Eles Existem? Reflexões sobre suas condições de possibilidade a partir da clínica psicanalítica*”. Naquele momento, eu buscava por definições sobre o campo grupal, epistemológica, técnica e metodologicamente.

Outra experiência significativa vivida neste curso foi a observação de uma equipe de trabalho. A equipe era formada por profissionais e estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia que se reunia semanalmente para discutir casos clínicos. As reuniões vinham apresentando poucos resultados, segundo a psicóloga da instituição. O meu objetivo foi exercitar o método de observação psicanalítica, criado pela psicanalista inglesa Esther Bick, em 1948. Este método, segundo Oliveira-Megotto, Lopes e Caron (2010), apesar de ter sido criado para auxiliar na formação de psicoterapeutas e psicanalistas de crianças, se configurou como um método de investigação psicanalítica e seus estudiosos e praticantes vêm buscando seu diálogo com a pesquisa. Ele se ancora nos pressupostos psicanalíticos da transferência, contratransferência, inconsciente e atenção flutuante.

O observador tem um lugar de destaque como participante, mas deve interferir pouco para que não se produzam distorções no campo observado. Ele inclui-se no processo, mas participa de modo a não verbalizar no momento da observação propriamente dita, apenas a vivenciando. A angústia vivida no processo é discutida, em um momento posterior, na supervisão. Percebi que a comunicação entre os profissionais estava contaminada pela

impotência diante da gravidade da saúde dos pacientes e que isto os atrapalhava a chegar a um consenso sobre seus cuidados. Na medida do possível, eu comunicava-lhes tais percepções.

No mestrado, a presente pesquisa surgiu de meu interesse pela mente grupal, mas o objetivo geral se configurou lentamente. A princípio, instigava-me compreender porque alguns grupos se mantinham unidos enquanto outros logo se desagregavam. Para atingir tal intento, pensei, a princípio, encontrar dois grupos diferentes em seus tempos de duração e estudá-los. Mas a partir das leituras sobre o tema e das disciplinas no mestrado, a questão do laço me despertou o interesse. Interessei-me por investigar especificamente os modos de enlaçamento dentro de um grupo e, para isso, percebi que precisaria estudar o jogo pulsional entre Eros e Tânatos, a condição de desamparo que constitui o laço e tais imbricações na grupalidade. Para desenvolver a pesquisa procurei uma instituição existente há mais de duas décadas, cuja finalidade é abrigar pessoas portadoras do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e dependentes químicos e considerei-a o meu grupo de pesquisa. A posteriori, percebi que questões familiares importantes influenciaram na escolha desta instituição.

Há doze anos vivo a experiência de cuidar de um familiar imerso na dependência química. Nesta experiência, meu maior sofrimento é que, sendo eu uma profissional em saúde mental, muito pouco posso fazer diante da ausência de um trabalho mental satisfatório em todas as instituições pelas quais percorro junto com esta pessoa. As constantes frustrações, dores, decepções e rearranjos dessa experiência certamente levaram-me a escolher a instituição pesquisada e tentei equacioná-la em um mergulho às avessas. Às avessas, porque o discurso sobre minha paixão pela grupalidade desvelou os nós de meu desejo e meu laço com essa experiência pessoal difícil, sustentado pelo desejo de cuidar e abandonar.

Na referida instituição e no grupo que se dispôs a participar da pesquisa, a bizarrice incomodava. Tal bizarrice aparecia na gravidade sintomática dos moradores expostos ao sofrimento causado pela abstinência química, na presença das travestis em uma instituição de

cunho fortemente religioso e na indiferença dos dirigentes a tudo isso pela ausência de cuidados mentais. Identificada com o desamparo daquelas pessoas, propus que montássemos um grupo psicoterapêutico. Em minha ilusão, a montagem de tal grupo além de favorecer a observação dos modos de enlaçamento dos moradores, seria propiciadora de cuidados psíquicos. Tomada pela crença na possibilidade de aliar a pesquisa a um trabalho clínico com sujeitos adictos, desvelou-se o nó de meu desejo: oferecer tratamento mental a sujeitos que em momento nenhum demandaram explicitamente por isto. Apreendi que a referida demanda era minha e a análise da mente grupal a partir de minha relação contratransferencial com a instituição se tornou o objetivo geral da pesquisa. Para discuti-la, selecionei os aspectos trânsito-contratransferenciais presentes nos dezesseis encontros em grupo e, embasada na teoria psicanalítica, os analisei.

Nos dois primeiros capítulos, após definir Sujeito e Instituição para a Psicanálise, apresento a instituição e seus moradores. Apresento também a discussão freudiana sobre a mente grupal e considero os grupos com os quais trabalhei como os representantes da mente institucional. Discuto a possibilidade da mente institucional funcionar analogamente à mente individual a partir de dois momentos distintos da obra Freudiana, em 1897 e posteriormente, em 1920.

Apoiada na afirmação freudiana de que a “grande máquina mental” (a forma como Freud se referia à mente em 1897) humana é uma barreira de recalque contra representações dolorosas e estímulos causadores de tensão, discuto que as instituições, por analogia, também o são. Além disto, de acordo com o pensamento freudiano em *Mal Estar na Civilização* (1930), a instituição pesquisada representaria também uma ilusão de proteção contra o desamparo e a dor psíquica. Esta hipótese sustentou todo o trabalho. Discuto também que as instituições são depositárias de afetos e representações recalçadas do social e, desta forma, usadas como escudo protetor pela sociedade. Mas Freud (1897) ensinou que o montante de

energia presente nas representações recalçadas e separadas do afeto migra e forma o sintoma. A partir daí, discuto que as instituições podem ser pensadas como sintoma do social, já que:

Toda sorte de sujeitos cabe em uma instituição: drogados, deprimidos, estranhos, loucos, marginalizados, não adaptados, problemáticos, moradores de rua. Estes são nomes usados para qualificar aqueles seres falantes que não conseguem viver 'bem' na comunidade, que têm dificuldades em se apoiar nas leis do desejo, que não conseguem colocar-se como sujeitos responsáveis. (Faria, 2009, p.3).

No capítulo três, discorro sobre os nós presentes nos laços estabelecidos a partir de alguns discursos dos líderes na instituição pesquisada. Tais discursos são discutidos na seguinte ordem:

- A) O meu, enquanto sujeito, psicóloga e pesquisadora (presente em todo o trabalho);
- B) O da dependência química;
- C) O do dispositivo da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), da medicalização e da pós-modernidade;
- D) O da religião espírita;
- E) O da filantropia.

No capítulo quatro, apresento excertos dos encontros em grupo e discuto como alguns desencontros desvelaram aspectos do funcionamento psíquico grupal. Apresento também as estratégias que usei para lidar com a angústia e meu desamparo reativados pela instituição. Discuto que foram estratégias importantes do ponto de vista do *Pathos*, pois me possibilitaram dialogar com a experiência vivida e analisá-la contratransferencialmente. Nesta última parte, apresento também a hipótese de que as travestis, a partir do uso de seus corpos como instrumentos para reconhecimento, representam o sintoma institucional. A contratransferência, além de desvelar a ilusão e meu desejo enquanto pesquisadora, psicóloga

e sujeito do inconsciente na instituição, propiciou-me apreender a violência psíquica institucional e sua trama discursiva enquanto lugar paradoxal que não oferece sustentabilidade para o desamparo, pois funciona enquanto lugar de trânsito, de passagem, volátil, sendo um reflexo do modo de funcionamento pós-moderno.

## 1 - A grande máquina mental e a vida coletiva

"Tudo o que nasce tem a nostalgia daquilo que deixa".  
(Bembibre, 2013)

### 1.1 - O sujeito psicanalítico: a grande máquina mental fora do corpo.

Em 1897 Freud alcunha a mente humana de *grande máquina mental* e inicia o desenvolvimento de sua primeira teoria sobre como ela se constitui. A partir daí, o sujeito Freudiano é apreendido como um ser do laço e impossibilitado de se constituir sozinho, fora da vida coletiva. Para Freud e seus seguidores contemporâneos, aquilo que configura o sujeito e o predispõe a certo manejo de seus afetos, também configura o *socius*, investido e construído por sua *psique*. De acordo com Ávila (2009), “nós somos a humanidade e a humanidade somos nós. Esse trânsito do eu para o múltiplo é que nos constitui. Sujeitos singulares, constituídos a partir das complexas vinculações à totalidade da dimensão humana: história, cultura, sociedade.” (Ávila, 2009, p.46). Para o autor, o indivíduo não existe por si mesmo, em si mesmo ou para si mesmo.

Em 1921, Freud discorre, em seu trabalho “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, acerca da não diferenciação entre aquilo que é da ordem do individual e o que é da ordem do social:

É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instituintais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um



objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1921/1969, p. 91).

Neste trabalho, Freud discute que o ser humano tem sua origem psíquica nos laços estabelecidos desde criança com sua família, seu primeiro grupo de investimento libidinal. Em 1915, já havia discorrido sobre o narcisismo e, neste trabalho de 1921 prossegue com a discussão. Narcisismo, para Freud (1915/1969), é o investimento libidinal em si mesmo, iniciado em uma fase intermediária e necessária na vida da criança entre o auto-erotismo e o amor objetal e atua trabalha no sentido de preservar e proteger o sujeito de tudo o que dele destoa. Segundo Freud (1921/1969), o narcisismo “comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração.” (p. 129). Consequentemente, as relações objetais contém um sedimento de sentimentos hostis ao outro. Assim, a posição narcísica investida excessivamente implica em empobrecimento psíquico, pois enfraquece o ego em sua capacidade de investir libidinalmente outros objetos de amor.

Por isto, Freud (1921/1969) afirma que o homem se sujeita a buscar o outro para salvar-se de seu narcisismo. Civiliza-se, sai do animismo, do instinto puro, assujeitando-se ao desejo do outro no campo do social, e isto cria os vínculos e limites necessários para que eles se mantenham. É a partir da identificação que a criança, em suas primeiras relações com seu grupo familiar, se liga libidinalmente aos outros; a partir da procura por satisfação de suas necessidades vitais, ela adentra no mundo alheio, permitindo que outros semelhantes participem de seu processo de subjetivação. Assim, a identificação, “a mais remota expressão de um laço libidinal com outra pessoa.” (Freud, 1921/1959, p. 133) apresenta-se como o início de um novo tipo de laço libidinal. Freud assim a descreve:

Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com o objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (Freud, 1921/1959, p.136).

Em termos conceituais, a identificação é anterior a qualquer tipo de investimento de objeto, tem seu protótipo no corpo e é consequência da assimilação e da introjeção dos objetos. Dias (2009) esclarece que com este conceito a Psicanálise explica como o que está fora passa a estar dentro. No decorrer do desenvolvimento libidinal, identificação e investimento de objeto se unem em torno de um mesmo objeto, o eu. Neste momento, a criança se identifica com o próprio corpo para o qual direciona seus investimentos, originando o narcisismo. No decorrer do processo, quando o menino se identifica com o pai, por exemplo, há uma transformação em seu psiquismo e o pai passa a ter um lugar permanente em seu eu sob a forma de ideal do eu. Uma parte do mundo externo passa a ser incluída no eu, tornando-se parte do mundo interno. No final do Édipo, mesmo identificada com os pais como objeto de amor, a criança deverá abandonar este objeto em favor de identificações com outros objetos, sendo este o ponto de origem de suas futuras relações sociais. Assim, segundo a autora, identificar-se é produzir dentro de si um lugar para o objeto.

Segundo Freud (1921), pode acontecer de a identificação não ser completa, mas parcial e limitada. O sujeito pode tomar emprestados traços isolados do objeto ou da pessoa e a identificação pode se estabelecer inclusive por meio de um sintoma. Esta modalidade de identificação se tornou conceito fundamental para a compreensão dos fenômenos coletivos,

pois a força do laço estabelecida na identificação e idealização corrobora para que o sujeito desenvolva a sociabilidade.

Desta forma, Freud, apesar de nunca ter utilizado o termo sujeito, deixou explícito em sua obra uma matriz intersubjetiva na constituição mental. Segundo o pensamento Freudiano, a gênese de nossa constituição mental está na tríade pai-mãe-bebê. O sujeito, desde seus primórdios, sobrevive sob a condição de que o trabalho psíquico de outro exerça uma função constituinte em sua *psique* e, sendo assim, em situação de desamparo, já que dependente deste outro para se constituir.

René Kaës (2007) esclarece que o termo sujeito é um conceito pós-freudiano, mas suas premissas foram fornecidas por Freud em seu trabalho “*Pulsões e Destino das Pulsões*”, de 1915. Segundo o autor, Freud sugere nesse texto uma articulação entre o sujeito, o ego e o outro, pois, “de objeto passivo das pulsões do outro, o sujeito se torna tal impondo a seu próprio ego uma passividade que o transforma em objeto de suas próprias pulsões.” (Freud, 1915/1969, p. 221). Neste trabalho, Freud aponta também que o sujeito se constitui por um duplo movimento, na inversão das polaridades ativas e passivas de sua libido, havendo um retorno constante a si mesmo das posições de objeto e de sujeito.

Poli (2005), nesta linha de pensamento, aponta que o *sujeito* situa-se em uma posição diferenciada da de *objeto*, pois a pulsão possui um movimento reflexivo e sua atividade sempre retorna para o sujeito. De acordo com a autora, como consequência disto, ele passa, em sua constituição, por um assujeitamento à condição de objeto, por uma apassivação. O indivíduo não nasce sujeito, assume a condição de ser seu objeto, procurando outra pessoa que ocupe o lugar de sujeito para auxiliá-lo em seu processo de subjetivação. Segundo a autora, assim se estabelece, nas origens do funcionamento mental individual, a condição de um laço.

Em sua *psique*, o sujeito psicanalítico constitui-se sob o efeito das formações e processos oriundos de seu inconsciente. Sendo assim, não pode ser pensado fora da noção de sujeição, pois dizer que está sob o efeito dos processos do inconsciente significa dizer que está submetido ao efeito de uma ordem, de uma instância e de uma lei comandada pelas exigências da pulsão, pela fantasia e pelo abandono das identificações do ego por outras novas a favor do ideal (Kaës, 2007). Este é o paradoxo do processo subjetivo: “ele se encontra submetido e estruturado nesta sujeição.” (Kaës, 2007, p. 222) e só assim é possível.

Henriquez (2005) relembra que, no tempo da horda, a inexistência do laço libidinal impediu-a de se tornar uma civilização, pois o laço libidinal originário é o que permite o reconhecimento da existência do outro:

O crime cometido em conjunto, fazendo do chefe um pai (pelo fato do remorso) o constitui em outro (em objeto de amor e de ódio) e instaura o reconhecimento mútuo, a criação do outro generalizado. E cabe acrescentar que o próprio sujeito se constitui como sujeito pela existência do outro: é porque um outro nos ama, nos fala e nos olha que nós existimos enquanto sujeitos humanos. Sem a presença dos outros, nós não poderíamos aceder à humanidade. (Enriquez, 2005, p.163).

Da mesma forma, Kaës (2007) pontua que o sujeito não é efeito apenas da inversão das polaridades passivas e ativas e a sujeição não é apenas um processo interno, mas inscreve-se em suas relações mútuas com os outros:

É provável que o ser vivo seja grupo: movimento de agrupamento e dispersão, sob efeito de Narciso, Eros e Tânatos. Para restringir-me ao domínio da vida psíquica, retenho a noção de grupo psíquico originário para dar conta da ligação originária dos objetos numa estrutura e em formas que constituem o inconsciente. O inconsciente, estruturado como grupo, recombina-se

sem cessar em suas figuras, em sua energia, em suas formações e seus efeitos. (Kaës, 2007, p.105)

Isto significa que o sujeito não é dividido apenas a partir do interior, mas também em seus vínculos; que não se divide somente a partir de dentro, mas também pelo lugar que assume em seus vínculos que o constituem e são por ele constituídos. O sujeito do laço é um sujeito singular, moldado nos vínculos intersubjetivos, nas alianças inconscientes e nos espaços psíquicos comuns e compartilhados (Kaës, 2007). Para o autor, a sexualidade infantil, a fala e os vínculos são os pilares sobre os quais repousa o psiquismo humano, pois a dependência total do bebê em relação à mãe, no início da vida, reflete-se em sua sexualidade, em seus vínculos e em seu acesso à fala e à linguagem.

Sexualidade, fala e vínculo cooperam de maneira distinta e fundamental para a formação do inconsciente do sujeito e para a construção de seu eu. No mesmo movimento, esses três pilares contribuem para a formação da realidade psíquica inconsciente do vínculo intersubjetivo. (Kaës, 2007, p. 19).

Assim, faz parte da constituição subjetiva o desamparo advindo deste estado de sujeição, que expõe o ser humano à condição de que sua origem se estabeleça no fora de si mesmo. Por isto, diz-se que o sujeito psicanalítico é sujeito do desamparo, da insocorribilidade. Sua constituição se estabelecerá em condições melhores ou piores, a partir da forma como encarna ou não as funções que lhe são atribuídas no campo coletivo. Para a Psicanálise, subjetivar-se é um processo interminável, decorrente dos movimentos pulsionais e modos de enlaçamento estabelecidos no decorrer de toda vida.

Fontanari (2007) aponta para a impossibilidade de se dizer aquilo que precede o sujeito e seus vínculos. Segundo o autor, o ser humano tenta se explicar a partir de sua

história e de sua origem, mas este não é um bom argumento já que a ideia de sentido não vem do passado e sim do futuro. Para o autor, pensarmos apenas em termos de origem faz-nos usar o passado de maneira reducionista, como uma resistência ao presente. Para ele, Freud desvelou a natureza pulsional e a partir da Psicanálise e sua teoria das pulsões, o passado passou a ter uma importância como algo que nos desvia do futuro. Sendo assim, segundo o autor, somente a partir da imersão do sujeito no vínculo pode-se dizer dos vínculos humanos, pois:

Como então dizer o que precede e o que sucede se um - o vínculo - é visível apenas com a roupagem de outro, o sujeito? Um objeto invisível que se veste de tempos em tempos e com extrema versatilidade? (Fontanari, 2007, p.70).

Para o autor, sujeito e vínculo são dois sistemas abertos e não apenas um; o sujeito é produto do vínculo, matriz que o gera, estando aí a grande divisão eu - outro. A linguagem é aquilo que, além de lançar o sujeito ao grupo, aos outros, lança também a uma espécie de parto às avessas, indicando que o sujeito nasce de fora para dentro:

Então, não é adequado dizer que o *sujeito é portador de vínculos* – eles só acontecem compondo terceiridades nos encontros – o vínculo não está dentro do sujeito que só porta um sistema de valências ou, às vezes, é o próprio sistema de valências. As pessoas se encontram e acontece uma coisa que não tinha antes – nem potencial era, pois depende de um *outro* - e é essa coisa que forma novos sujeitos ou reforma antigos. Isto é, a mente está fora do corpo e chamamos sujeito àquela parte que relacionamos com a fonte, a vertente de uma voz, uma fala. (Fontanari, 2007, p.75).

Assim, a complexidade do sujeito e sua dimensão de inacabamento, apontadas por Freud (1897) em sua expressão multiplicidade de personalidades psíquicas, mostra como a subjetividade é um campo de contingências, dúbio, paradoxal. Segundo Freud (1897), a identidade jamais pode ser tomada como uma unidade pré-estabelecida já que os processos identificatórios modificam a vida mental do sujeito ao longo da vida. Sendo assim, o sujeito, a partir de sua constituição no fora de si mesmo, também constitui, com suas velhas roupagens, novos cenários como os grupos e as instituições. Tais cenários representam tentativas subjetivas de lidar com as contingências de sua *psique* e, por isto, estão também sujeitos a processos de constituição e subjetivação. Veremos, a seguir, como se estabelecem.

### *1.2 - O sujeito instituição ou a instituição como sujeito: gênese, afetos e afetações.*

Para iniciar a discussão sobre a vida institucional, apresentarei a gênese do processo civilizatório no pensamento freudiano. A obra de Freud (1913b/1969) “*Totem e Tabu*” esclarece que a civilização funda-se a partir de uma ficção, de um mito, o mito da culpa pelo assassinato do pai, e na instauração de dois tabus associados a ele, a proibição do incesto e a submissão ao poder totalitário deste pai. Assim, Freud apresenta-nos miticamente as primeiras bases da construção de uma ética repressora dos desejos do indivíduo, já que os tabus servem para reprimir desejos proibidos. Esses são os primórdios da constituição da civilização e da instauração da lei, instituindo que o homem saia do animismo, do instinto puro, e submeta-se à força e à lei do outro, à alteridade. Neste momento do pensamento Freudiano, a função do pai e do líder como instaurador da lei tem lugar central. A obra aponta que o assassinato do pai leva ao amor fraterno entre os irmãos, assegurando a reprodução social e, mais tarde, formando a sociedade e suas instituições.

Em “*O Interesse Psicológico da Psicanálise*”, Freud (1913/1969) apresenta as instituições como uma solução social para o problema da insatisfação, colocando que:

Nosso conhecimento das doenças neuróticas dos indivíduos foi de grande auxílio para a compreensão das grandes instituições sociais, porque as neuroses mostraram ser tentativas de encontrar soluções *individuais* para o problema de compensar os desejos insatisfeitos, enquanto que as instituições buscam proporcionar soluções *sociais* para esses mesmos problemas. (Freud, 1913/1969, p.223)

Em “*O Futuro de uma Ilusão*”, Freud (1927/1969) trabalha com a ideia de que a civilização causa mal-estar e todo indivíduo torna-se virtualmente seu inimigo, mesmo ela sendo um objeto de seu interesse. Os homens sentem como um fardo pesado os sacrifícios que a civilização lhes impõe e criam seus regulamentos e instituições para ordenar e controlar suas tendências destrutivas.

Em seu brilhante trabalho “*O Mal Estar da Civilização*” Freud (1930/1969) continua salientando a desarmonia entre a pulsão individual e cultural, mesmo com a primeira sendo regulada pela segunda com o advento civilizatório:

Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivos e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana. (Freud, 1930/1969, p. 17).

Nas instituições, o narcisismo do sujeito é atingido sob a insígnia da invisibilidade. Paradoxalmente, a vida coletiva serve como suporte ilusório ao mal-estar do sujeito diante de seu semelhante, pois funciona como aporte à adequação de sua sexualidade às regras sociais e



morais. Entretanto, para Freud (1930), isto é alvo de conflitos, pois a civilização não se contenta com as ligações que lhe foram concedidas, pois une os membros em laços de amizade, favorece identificações e inibe a libido em sua finalidade, mas impõe limites e restringe a vida sexual individual.

A vida civilizada só toma o caminho da contenção sexual em função de uma exigência da vida coletiva, advinda do cristianismo e seu imperativo de amar ao próximo como a si mesmo. Freud (1930) discute tal exigência argumentando que só se ama o outro como a si mesmo, quando deste outro se pode tirar algum proveito; fato improvável por se tratar, no *socius*, de outro semelhante, mas estranho. Em suma, diante do outro, estranho e semelhante ao mesmo tempo, *Homo homini lúpus* (Freud, 1930, p.133), pois o sujeito Freudiano possui um instinto agressivo, natural, oriundo da pulsão de morte. Para Freud, assim se estabelecem os distúrbios na ordem do social, equivalentemente aos distúrbios na ordem da individualidade. Segundo Leite (2002), o trabalho de Freud de 1930 é perpassado por um processo de luto pela descrença no progresso e no desenvolvimento como garantidores da vida civilizada. Segundo a autora, Freud (1930) percebe que a atualização das tendências mais primárias no homem é um risco constante e, por isto, nunca estaríamos definitivamente livres da barbárie.

Certamente Freud não desenvolveu uma teoria ou prática clínica que abarcasse as instituições ou outras modalidades de agrupamento humano. Os textos aqui citados “*Totem e Tabu*”, “*O Futuro de uma Ilusão*” e “*O Mal Estar na Civilização*”, tiveram por objetivo estudar a cultura, a civilização, a coletividade. Somente em “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, ele fez um esboço acerca dos pequenos grupos. Neste trabalho também tocou no tema das instituições, ao desenvolver seu pensamento sobre a dinâmica de funcionamento de um exército e de uma igreja.

Na atualidade existem muitos autores de referência dedicados ao estudo da vida institucional. Kaës, Bleger, Enriquez, Fornari e Fustier, (1991) são alguns deles e apontam que “apesar dos esforços que as instituições desenvolvem para mascarar as condições do seu nascimento, elas são e continuam sendo herdeiras de um ou de vários crimes.” (p.55) e só renunciam à violência de todos contra todos porque instauraram um outro tipo de violência, a violência legal. Para o autor “esta, definindo a esfera do sagrado e do profano, pronunciando as interdições, desenvolvendo o sentido de culpa, enuncia-se, certamente não como violência, mas como lei de estrutura.” (Kaës et al., 1991, p. 55).

Sempre apoiado pelo pensamento Freudiano, Kaës et al. (1991) entende a instituição como a quarta ferida narcísica, afirmando que a vida psíquica não está centrada apenas no inconsciente pessoal, pois uma parte do sujeito pertence às instituições onde ele se apoia e que são mantidas por ele. Assim, os efeitos do inconsciente não estariam presentes somente no sujeito singular, mas “nos espaços liminares onde se produzem as passagens constitutivas da realidade psíquica,. . . , nas formações do vínculo inter e transubjetivo ou no espaços a-subjetivos no quadro institucional.” (Kaës et al., 1991, p. 12).

Leite (2002) afirma que toda instituição sempre tentará reduzir o heterogêneo ao homogêneo, as diferenças à indiferenciação. Segundo a autora é preciso manter o apego ao ideal para alimentar a utopia e a ilusão da satisfação plena e escamotear o caráter conflitante das diferenças individuais. Na instituição objeto desta pesquisa, a expressão “*Lá fora é a morte, aqui dentro é a vida*”, citada por muitos moradores em diferentes situações, pode ser interpretada como uma expressão dessa capacidade homogeneizante.

Para Kaës et al. (1991), as instituições são formações da sociedade e da cultura, seguem-lhes a lógica própria e têm como característica básica se opor àquilo que é estabelecido pela natureza. Trata-se do conjunto das formas e das estruturas sociais que foram instituídas pela lei e pelo costume e, por isso, regulam as relações entre os homens. Cada uma

é dotada de uma finalidade que a identifica e distingue das demais. Dessa forma, possuem uma importância capital:

Como o outro, a instituição precede o indivíduo e o introduz na ordem de sua subjetividade predispondo as estruturas da simbolização: pela apresentação da lei, pela introdução na linguagem articulada, pela disposição e pelos procedimentos de aquisição dos referenciais identificatórios. (Kaës et al, 1991, p. 10).

Diante dessas colocações, a hipótese discutida neste trabalho é de que, de acordo com o primeiro e o segundo modelos mentais propostos por Freud, a *psique* institucional é análoga à *psique* individual. Essa hipótese se apoia em dois momentos distintos do pensamento freudiano, em 1897 e 1920. Em 1897, na ânsia de transformar a Psicanálise em uma ciência respeitável pela classe científica da época, Freud escreve que sua pretensão era “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a estes processos um caráter concreto e inequívoco.” (Freud, 1897/1969, p. 395). Nesse trabalho, ele discute que a grande máquina mental humana é, em sua constituição, uma barreira de recalque contra representações dolorosas ou estímulos excessivos causadores de tensão vindos tanto do meio externo quanto do próprio corpo.

Segundo Freud (1897), ocorrem no sistema nervoso processos de excitação neuronais constantes os quais são portadores de uma característica quantitativa de excitação a que ele chamou de Q (energia). Há um princípio básico da atividade neurônica na mente que se relaciona com a quantidade de excitação que chega até a mente, causando desprazer. Freud nomeia esse princípio por Princípio da Inércia Neuronal, segundo o qual a tendência dos neurônios é de se desfazer de Q para se manter livre de estímulos excitantes e desagradáveis (de desprazer), pois Q caracteriza movimento. A função primordial do sistema nervoso seria então a de descarregar os estímulos excessivos vindos do exterior e livrar-se de Q.

Mas o desenvolvimento de seu pensamento não para aí, em função de suas próprias controvérsias. Freud (1897) também compreende que “nenhuma descarga desta espécie pode produzir resultado de alívio, uma vez que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão ( $\Psi$ ).” (Freud, 1897/1969, p. 422). Segundo Freud (1897), as exigências da vida fazem romper o princípio da inércia, pois o organismo também é estimulado por estímulos endógenos como a fome, a respiração, a sexualidade, dos quais não pode esquivar-se, estímulos que só cessam mediante uma ação no mundo externo. Sendo incapaz de se safar da tensão constante na mente, o indivíduo precisa da intervenção do outro para lhe garantir-lhe o alívio. Assim, o sistema nervoso é obrigado a abandonar a tendência à inércia e a tolerar um acúmulo maior de energia (desprazer) advindo do mundo externo, apesar de persistir sua tendência em manter o nível de energia o mais baixo possível (prazer).

Assim, o instinto reprimido não para de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consiste na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e sublimações não removem a tensão e a diferença de quantidade entre o prazer que se exige e o prazer que é conseguido é o fator que o impulsiona a continuar a busca. Essa era a concepção Freudiana do psiquismo em 1897: uma grande máquina utilizada pelo indivíduo para proteger sua mente de um fluxo muito intenso e desagradável de energia, mas que não funciona muito bem para este fim, pois é também uma máquina produtora de excitação e em busca constante pela experiência de satisfação primeva; em outras palavras, apesar de sua tendência em evitar o estímulo excessivo, leva o sujeito à tensão constante diante das contingências da vida.

A partir da teoria do narcisismo de 1915, em que o eu é o principal objeto da pulsão do sujeito, Freud dá andamento à suas descobertas e discute em 1920, em “*Além do Princípio do Prazer*”, a existência de processos na vida mental que, além de se realizarem de forma independente do princípio do prazer, vão além deste princípio, determinando a existência de

uma função no aparelho mental muito mais primitiva do que o intuito de obter prazer chamada Pulsão de Morte. Segundo Freud (1920/1969):

O máximo que se pode dizer é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio do prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer. (p. 20).

Násio (1995) elucida esta questão ao dizer que Freud propõe um reagrupamento entre os movimentos libidinais que incidem tanto no eu quanto nos objetos externos, sob os termos pulsões de vida e de morte. O alvo das pulsões de vida é a ligação libidinal, o enlaçamento libidinal entre o psiquismo, o corpo, os seres e as coisas. As pulsões de vida tendem a investir as coisas libidinalmente e manter a coesão das partes, enquanto as de morte tendem ao desligamento da libido dos objetos, o retorno ao estado inanimado onde a tensão é zero. Násio (1995) ainda afirma:

No tocante a isto, esclarecemos que a morte que rege estas pulsões nem sempre é sinônimo de destruição, guerra ou agressão. As pulsões de morte representam a tendência do ser vivo a reencontrar a calma da morte, do repouso e do silêncio. (p.44).

Para o autor, as pulsões de morte estão na origem das manifestações humanas mortíferas, mas são benéficas quando permanecem dentro de nós. Sobre este prisma, pode-se deduzir que as instituições funcionam como a *psique* materna, que intervém e suspende a descarga de energia no corpo de seu bebê (os moradores) e alivia-lhe a tensão após captar a comunicação de estados afetivos dolorosos.

Para sustentar a hipótese deste trabalho, encontra-se respaldo teórico novamente em René Kaës (1993). Em sua obra “*O Grupo e o Sujeito do Grupo*”, o autor procurou estabelecer aquilo que possibilitava pensar o conceito de grupo a partir da hipótese do inconsciente:

Pude especificar o objetivo das pesquisas que até então eu empreendera: a partir dos conhecimentos do inconsciente aos quais a situação de cura individual e a situação psicanalítica de grupo nos facultam o acesso, situar e por em ação as hipóteses e os conceitos que tornam possível a inteligibilidade da aparelhagem entre esses dois espaços. Cada uma dessas duas situações é o local de surgimento, mas também a matriz de transformação da experiência psíquica estruturada pelo inconsciente. (Kaës, 1993, p. 12).

Kaës et al. (1991) explica que o espaço psíquico da instituição é formado por duas margens heterogêneas: uma biológica, que atualiza as experiências do corpo, e outra social, que atualiza as experiências grupais (ambas obviamente produções do inconsciente). O autor aponta estas duas margens, corporal e social, como análogas à pulsão no sujeito, um conceito limite e de fronteira entre o psíquico (a mente, o interior) e o somático (o corpo, o exterior) e que também se compõe de duas margens. Ainda para Kaës et al. (1991), o grande problema para se apreender algo da ordem do psiquismo pelas vias da instituição é que esta pode ser considerada tanto como um objeto do campo psíquico como uma moldura deste mesmo campo. Assim, as instituições, enquanto sujeito e objeto do campo psíquico, podem ser interpretadas também como um sintoma do social.

Bleger (1995) discute isto, apontando que a função social das instituições é manter alguns sujeitos separados do meio social a partir da clivagem entre os aspectos sadios e doentes, normais e anormais, segundo a concepção de que indivíduos doentes produzem doenças que não pertencem à estrutura social. Mantendo-os nas instituições, a sociedade os

coloca fora dela e se defende não dos loucos e doentes, mas de sua própria loucura e doença. Assim, as instituições passam a ter a função de grupo depositário de sujeitos que não servem mais para a sociedade: “Os loucos, as prostitutas e delinquentes são os sintomas de uma sociedade perturbada e as instituições tendem a reprimir e segregar tanto como a própria sociedade, já que as instituições são os instrumentos desta última.” (Bleger, 1995, p. 62).

Assim, as instituições, enquanto sujeito e objeto do campo psíquico, apresentam analogias com o funcionamento mental individual. Tal qual o sintoma na mente individual, as instituições são expressões das pulsões de morte e de vida. Sendo alvos de projeções de conflitos e lugares onde se pode apaziguar a tensão, desempenham a ilusória função de apaziguar a angústia. Nesta perspectiva, funcionam como a grande máquina mental humana ao funcionarem como o outro que intervém para garantir alívio e oferecendo suporte, empurrando o sujeito para o movimento, para as relações sociais e, portanto, para a vida.

### *1.3 - As Instituições Totais.*

As duas instituições, exército e igreja discutidas por Freud (1921/1969) em seu trabalho “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, são instituições que na atualidade denominam-se Instituições Totais. Segundo Freud (1921), ambas são grupos artificiais, associações que necessitam de salvaguardas especiais para sobreviverem e onde uma força externa é empregada para evitar que suas estruturas sejam alteradas. “Nesses grupos, via de regra, a pessoa não é consultada ou não tem escolha sobre se deseja ou não ingressar.” (Freud, 1921/1969, p.119). O que as mantém vinculadas é a ilusão de que há um líder que ame a todos com um amor igual e “tudo depende desta ilusão.” (Freud, 1921/1969, p.120). Tais condutas coercitivas denotam a força da estrutura libidinal dessas instituições, em que o laço se sustenta por relações autoritárias e violentas.

Ainda neste trabalho de 1921, Freud descreve o pânico em seu sentido coletivo, como aquele tipo de medo que irrompe em um grupo tanto pela magnitude de um perigo real quanto pelo enfraquecimento dos laços emocionais entre os membros e, portanto, como consequência do incremento do narcisismo e do desamparo. O laço grupal representa proteção ao desamparo do sujeito, pois o seu contrário, a desvinculação, gera prazer, mas também o aumento de tensão e incremento da ansiedade. O medo coletivo ou o pânico é fenômeno frequente nestas instituições, provocado pela cessação dos laços emocionais. Segundo Freud (1921), “é impossível duvidar de que o pânico signifique a desintegração de um grupo; ele envolve a cessação de todos os sentimentos de consideração que os membros do grupo, sob outros aspectos, mostram uns para com os outros.” (Freud, 1921, p. 124).

A convergência entre Freud (1921) e Goffmann (1961) é clara. Segundo Goffmann (1961), uma Instituição Total se caracteriza por ser um estabelecimento fechado, funcionando em regime de internação para um grupo de pessoas relativamente grande que vivem internados em tempo integral. Este tipo de instituição deve funcionar como local de residência, lazer, trabalho e também como um espaço onde se executa alguma atividade específica, seja ela educacional, corretiva, terapêutica, etc, sendo que normalmente há uma equipe que a administra.

Nesse sentido, a instituição alvo desta pesquisa pode ser considerada uma instituição total. Entendo *instituição total* como um espaço simbólico, que vai além do espaço físico fechado, definido. *Total*, a meu ver, refere-se a um espaço psíquico fechado, sem aberturas para trocas, diálogos, novos pensamentos. A instituição pesquisada impacta por sua semelhança com uma cadeia e um manicômio. Penso que isto me fez desejar libertá-los. Apesar disso, minha primeira impressão foi boa, pois de certa forma, ali estavam protegidos.

Goffmann (1961) explica que há pequenas coisas no cotidiano institucional dos estabelecimentos fechados que são utilizadas para o controle e produção de subjetividades.



Este controle se estabelece por um tipo de poder que modela, instaura, reprime e mutila o eu, em busca de uma missão (re) socializadora. Há, segundo o autor, uma tecnologia de poder altamente criativa nas instituições fechadas. Nelas, identificam-se opressores e oprimidos entre a equipe de dirigentes e os membros, sendo que aquela modela e estes são objetos de seus procedimentos modeladores, formando dois grupos antagônicos. Entretanto, para Goffmann (1961), o poder é uma relação de estratégias dinâmicas presente em todos os lugares, em toda parte. Sendo assim, entre estes dois grupos que se antagonizam dentro da instituição total, há reações de contra-controle, e se por um lado há modelagens, pelo outro, há resistências; a vigilância é recíproca e os conflitos acontecem nos planos macro e microfísicos.

O autor aponta as estratégias ofensivas de ataque que se esboçam sutilmente e também claramente na vida institucional. Assim, o grupo de internados se defende do grupo modelador através de táticas adaptativas e utiliza-se dos próprios recursos da instituição para construir um mundo pessoal contrário aos objetivos desta. Um clima de guerra se estabelece entre ambos e em cada grupo há facções e disputas, com relações de poder e forças compondo o cenário institucional.

Dessa forma, funciona no interior das instituições totais um mecanismo penal autônomo, através do estabelecimento de um privilégio que a própria instituição se outorga de fazer justiça, impor suas leis próprias, elaborar as listas de delitos, criar instâncias para julgamento e formas de castigo. Isso faz com que uma ordem jurídica se inscreva nela e uma micropenalidade repressiva atue nas condutas dos membros, com todo um conjunto de processos sutis, que vão desde o castigo físico até as privações calculadas e pequenas humilhações. Aqueles que resistem às normas recebem a sanção e o indivíduo é inserido num universo punitivo e persecutório.

Para o autor, os processos de mortificação do eu são processos padronizados, expressando o funcionamento de sanções e normalizações; indicam um processo de infantilização social do indivíduo, pois são retiradas dele sua autonomia, liberdade e capacidade de decisão e suas atividades estão sempre sujeitas a regulamentos da equipe dirigente. Na instituição pesquisada, este processo de infantilização é mantido tendo em vista os quatro discursos principais ali presentes: o discurso da filantropia, da dependência química, da religião e da AIDS. Estes discursos são os mantenedores do funcionamento institucional nos moldes aqui apresentados e se expressam, a meu ver, na indiferença violenta com o sofrimento psíquico de seus moradores.

#### *1.4- O laço no cenário grupal e institucional: narcisismo, masoquismo e perversão.*

Objetivando neste trabalho discutir as modalidades de laço no cenário grupal e institucional, continuo a discussão da hipótese sobre a existência de um estado mental institucional análogo aos modelos de mente criados por Freud, nos quais os movimentos de ligação e desligamento libidinais são constituintes e fundamentais. Tendo definido que toda a instituição é o grupo desta pesquisa, explorarei as ideias de Freud e de autores pós-freudianos sobre o fenômeno grupal e discutirei sobre as modalidades de laço psíquico neste campo.

Para Bion (1975), um grupo é essencial para a vida mental do indivíduo, mas é de sua natureza satisfazer certos desejos e negar outros. Segundo o autor, todo grupo se reúne enquanto grupo com o objetivo primordial de trabalhar em prol de sua preservação e sempre vai desenvolver uma mentalidade única e particular. Esta mentalidade de grupo é o fundo comum ao qual contribuições anônimas individuais são efetuadas e através dela, impulsos e desejos implícitos podem ser satisfeitos:

Pode-se ver que aquilo que um indivíduo diz ou faz num grupo ilumina tanto sua própria personalidade como a sua opinião do grupo; as vezes sua contribuição ilumina uma mais que a outra. Ele está preparado para efetuar algumas contribuições como provindas inequivocamente de si mesmo, mas existem outras que gostaria de fazer anonimamente. (Bion, 1975, p. 42).

Enquanto Freud trabalhou com a ideia de *mente grupal*, Bion (1975), desenvolveu sua tese sobre a existência de uma *mentalidade grupal*. Entendo que a proposta de Bion (1975) tenha sido a de apreender os estados inconscientes e presentes em toda formação de grupo e que o autor reafirmou a ideia freudiana de que há em todo grupo um desejo de coesão expresso pela tentativa inconsciente em conservar o grupo enquanto unidade; mas, segundo Bion, para tanto, o sujeito precisa negar as diferenças, a hostilidade, entrar em concordância com o desejo alheio, se submeter.

Segundo o autor, o sujeito expressa sua ambivalência no grupo através de atitudes desviantes que denotam sua hostilidade a ele. Tais atitudes são anônimas e disfarçadas, pois mesmo ele tendo pensamentos divergentes sobre o grupo, não o pode revelar sob o risco da rejeição e destruição e ataque a seu desejo de preservação do grupo. Sendo assim, a maior frustração vivida na experiência grupal se encontra em sua mentalidade, pois ela pode levar ao fracasso do grupo, sendo nesta área também que podem ser encontrados os motivos de seu fracasso.

Retorno à obra de Freud de 1921, para compreender o que ele desejou expressar com o conceito de mente grupal. Segundo Le Bon (1895/1963) e McDougall (1920), importantes autores contemporâneos de Freud e estudiosos das formações grupais apontados por Freud, em seu trabalho de 1921, nos grupos efêmeros e nas multidões, a sugestão e o contágio seriam responsáveis pelos efeitos de massa e pelo surgimento de características novas nos indivíduos quando agrupados, como por exemplo, o desaparecimento da personalidade consciente e a

predominância do inconsciente, a tendência dos sentimentos e ideias em se dirigirem para as mesmas direções e a transformação das ideias em atos. Segundo Freud (1921), o sujeito sente prazer em perder o senso do limite de sua individualidade, em deixar-se deslizar para a mesma emoção que leva à intensificação da carga emocional por interação mútua. Em suma, trata-se de uma compulsão a fazer o mesmo, de uma “compulsão automática.” (Freud, 1921/1969, p.110).

Entretanto, Freud (1921) aponta que a natureza das alterações que o grupo causa no indivíduo não é da ordem da sugestão, mas sim da libido, que ali se expressa livremente, dando-lhe a ilusão de coesão e unidade. Assim, a mente grupal é o resultado dos laços libidinais existentes em um grupo. A força da mente grupal e da união entre os indivíduos não está no simples poder do contágio e da sugestão, mas sim na força da libido, em Eros, representante da pulsão de vida: “Um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia esta façanha ser mais bem atribuída do que a Eros que mantém unido tudo que existe no mundo?” (Freud, 1921/1969, p.117).

Para Freud (1921), o grupo ocupa um lugar de autoridade e por isto o sujeito não pode opor-se a ele, e ao obedecê-lo, abre mão de sua consciência e entrega-se ao prazer aumentado obtido pelo afastamento das inibições e das resistências vindas da consciência. Funciona pelo princípio do prazer e, sendo assim coloca o eu em evidência e não o grupo. Paradoxalmente, o conceito de mente grupal relaciona-se a um estado mental no indivíduo que uniformiza o grupo, des-individualiza o indivíduo, torna-o um ser grupal, limitando o narcisismo individual:

Enquanto uma formação de grupo persiste ou até onde ela se estende, os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de seus outros membros, igualam-se a eles e não sentem aversão por eles. Uma tal limitação do narcisismo, de acordo com nossas conceituações teóricas, só pode ser produzida por um determinado fator, um laço

libidinal com outras pessoas. O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos. (Freud, 1921/1969, p.130).

Enquanto Le Bon (1895/1963) estudou os grupos efêmeros, McDougall (1920) se preocupou em contrapor o fenômeno das multidões aos grupos organizados, mas ambos não se referiram à libido como a essência da ambivalência na constituição da mente grupal. Em síntese, estes dois fenômenos — os grupos efêmeros e as multidões — não apresentavam nenhuma relação com os grupos organizados e artificiais com os quais Freud se ocupou em seu trabalho de 1921, a igreja e o exército. A igreja e o exército são os modelos da mente grupal Freudiana, pois expressam a força existente nas influências recíprocas das libidos dos integrantes e na influência que uma mente-líder, considerada mais potente, pode exercer sobre todos. Em suma, Freud tenta expressar a força do líder, que sob o símbolo da lei e do limite ao narcisismo, impõe regras ao funcionamento das formações grupais. Mas, mesmo que McDougall (1920) não tenha tocado na questão libidinal, é ele quem vai apontar as condições essenciais para que um grupo se organize e se institucionalize, e Freud se apoia nestas condições para apontar os tipos de funcionamento mental ocorridos na igreja e no exército.

Apresento as descrições da organização grupal segundo McDougall (1920), a fim de facilitar o acompanhamento do pensamento Freudiano. Segundo McDougall (1920), para que um grupo exista é preciso haver certo grau de continuidade de existência, que pode ser tanto material quanto formal e se relacionar tanto à persistência dos indivíduos no grupo por determinado tempo quanto às posições que nele ocupam. Em segundo lugar, cada membro do grupo precisa ter uma relação emocional com este e, além disto, o grupo deve ser colocado em posição de rivalidade com outros grupos e ser diferente deles. A quarta premissa é que o grupo possua tradições, costumes e hábitos que determinem as relações entre os membros. E, por último, que o grupo tenha uma estrutura definida a partir de especialização e diferenciação das funções de seus membros constituintes.

Para o autor, tais condições da organização de um grupo afastam as desvantagens psicológicas das formações grupais efêmeras ocorridas nas multidões, pois a redução coletiva da capacidade intelectual é evitada a partir do momento em que se elegem alguns membros para as funções racionais. Parece que, sem perceber, o autor apontou as premissas das questões da hierarquia e da verticalidade como funções primordiais nas relações grupais e a constituição de um líder-pai detentor da lei como fundamental para a sobrevivência de um grupo.

Freud (1921) amplia e modifica a teoria de McDougall (1920), aprofundando sua discussão e complementando-a com a teoria libidinal. A mente grupal freudiana indica que num grupo há certas condições que permitem afrouxar as repressões dos impulsos inconscientes através da influência recíproca das libidos e que “nas operações mentais de um grupo, a função de verificação da realidade das coisas cai para um segundo plano, em comparação com a força dos impulsos plenos de desejo com sua catexia afetiva.” (Freud, 1921/1969, p. 104). No pensamento Freudiano, a identificação, a mais antiga expressão de laço libidinal, é a responsável pela manutenção da união entre os integrantes de um grupo e, em seus dois grupos-modelo, a identificação coletiva e a idealização são o ponto central. Vê-se Freud discutindo mais uma vez a presença de uma força externa na constituição mental e, neste caso, da mente grupal.

Há vários tipos de grupos ou associações, segundo Freud (1921): os efêmeros e duradouros, os homogêneos e os heterogêneos, os naturais e os artificiais (que exigem uma força externa para manterem-se reunidos), os grupos primitivos e os altamente organizados e, em todos eles, em função das ligações libidinais, desenvolve-se a mente grupal. Assim, uma igreja e um exército são instituições e também dois grupos artificiais que usam a força externa do líder para não se desagregarem. Freud discute que, em um exército, mesmo não havendo uma liderança única, como é o caso de Cristo na igreja católica, há um tipo diferente de laço

grupal. Este novo tipo de laço muito interessa a este trabalho, pois é o laço privilegiado nas instituições. O exército difere da igreja, pois há ali uma série de grupos, cada um com seus comandantes-chefes e mesmo que tal forma de organização possa colocar em risco sua estabilidade grupal, isto não acontece. E não acontece porque nos grupos militares e outras instituições o laço grupal é diferente, pois a identificação não se direciona a um único líder (o líder aqui pensado no sentido concreto de um semelhante), podendo se estabelecer pela inspiração em uma ilusão ou em uma ideia a respeito do que seja ser um grande líder e tal ideia identificatória é indispensável para sua manutenção.

Desta maneira, em seu trabalho de 1921, Freud, além de colocar em questão a importância do líder na manutenção da ilusão grupal, enfatizou que uma ideia, uma abstração, uma tendência comum ou um desejo partilhado por muitos podem servir de líderes secundários. Sendo assim:

O líder ou a ideia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva. Surgiria então a questão de saber se um líder é realmente indispensável à essência de um grupo, e outras ainda, além dessa. (Freud, 1921, p.127).

Já, Anzieu (1993), coloca em discussão a vida grupal, salientando esta ser uma ameaça à unidade egóica ou um questionamento ao ego, devido à convergência insuportável de muitos *eus* diferentes:

O grupo conduz o indivíduo muito longe para trás, onde ele não estava ainda constituído como sujeito, lá onde ele se sente desagregado. Ademais, por sua ausência de unidade interna,

o grupo impõe a seus membros uma representação mental muito concreta da disseminação das diferentes partes de si. (Anzieu, 1993, p. 33).

A imagem subjacente a estas representações, segundo o autor, é a imagem do corpo fragmentado e todos participam de sua produção. O grupo somente obterá êxito se puder superar esta imagem, que é reforçada pelo contágio. Se isto acontece, se a superação desta imagem é possível e os indivíduos experimentam uma emoção comum agradável e sentimentos positivos e ações ajustadas, o sentimento de *nós* é invocado, nascendo uma unidade superior a cada indivíduo e da qual cada um participa. É assim, segundo o autor, que o grupo nasce enquanto *corpo vivo* e cada um pode se reconhecer como membro dele. Assim, a metáfora entre grupo vivo e corpo vivo, ligado e organizado, corresponde a uma imagem que o grupo tem de si.

Porém, segundo o autor, um grupo tem também funções vitais para o sujeito por fornecer-lhe representações comuns e matrizes identificatórias. Mas, diante da pluralidade e de tantas demandas diferentes, o indivíduo sente correr o risco de deixar de existir, de perder o seu senso. A co-presença desperta a angústia da unidade perdida, do Eu quebrado e fantasias primitivas de desmembramento, (Anzieu, 1993). E isso faz com que cada um procure reduzir o outro a seu objeto de satisfação, gerando um movimento psíquico no grupo perverso e caótico em prol da sobrevivência da individualidade.

Do ponto de vista de sua natureza, os grupos são, para Anzieu (1993), como uma rede que contém um sistema de regras operantes, com pensamentos, palavras, ações, e que permitem constituir um espaço interno e uma temporalidade própria. Do ponto de vista de sua dinâmica psíquica, os grupos são, como nos sonhos, uma realização imaginária de desejos, nos quais os processos primários são determinantes. Para o autor, os seres humanos vão aos grupos da mesma maneira que, durante o sono, entram nos sonhos. No processo do sonhar, retira-se todo o contato com a realidade, o que faz com que afrouxem as barreiras do



inconsciente. Por isto, a ambivalência e o paradoxo se desvelam quando nos aproximamos do fenômeno grupal:

As atividades reais de um grupo raramente correspondem as suas metas declaradas ou oficiais, e seria fácil descrever, em alguns aspectos da ideologia ou das crenças de um grupo, uma racionalização, uma compensação, uma formação reativa, até uma anulação dos desejos efetivamente satisfeitos na prática. (Anzieu, 1993, p. 53).

Sua trama simbólica é paradoxal, pois faz com que os indivíduos fiquem juntos e, ao mesmo tempo, se afastem em função de suas feridas narcísicas. A trama funciona como um envelope e compõe-se de uma membrana de dois lados: um voltado para o exterior, para o físico e outros grupos, e outro para o interior. O primeiro edifica uma barreira contra o mundo externo e o segundo se constitui nos movimentos de projeção das fantasias dos indivíduos, representando a forma como se articulam nos aparelhos psíquicos de cada um, os funcionamentos do Id, Ego, Ego Ideal, Superego, Ideal de Ego.

Para Anzieu (1993), por seu lado interno, o envelope grupal estabelece um estado psíquico transindividual, a que o autor chama de Si-Mesmo de grupo. O grupo é o Si-Mesmo e este Si-Mesmo é imaginário e fundamenta a sua realidade imaginária. Mas o grupo também tem suas feridas narcísicas, as emoções em comum ameaçadoras, o que acentua seus conflitos, pois deseja manter-se sem pagar o preço penoso do reconhecimento de suas feridas e se resiste em reconhecê-las. Segundo Anzieu (1993), “estes são dois mecanismos do grupo: o investimento narcísico de alguns setores do seu funcionamento e a defesa contra a ferida narcísica.” (p. 24).

Assim, para sua proteção, um grupo constrói para si o seu aparelho psíquico e apela para uma instância comum aos aparelhos individuais componentes; isto vai determinar o seu funcionamento psíquico consciente e inconsciente e também sua conduta. Os fenômenos

grupais variam conforme a natureza da pulsão dominante no momento do grupo e o aparelho grupal, segundo Anzieu (1993), se estruturará de forma mais ou menos estável de acordo com a circulação fantasmática entre seus membros. O autor distingue dois níveis no funcionamento do grupo: o da estrutura e o da organização; o primeiro, indicando uma instância psíquica comum estruturando o aparelho psíquico grupal, e o segundo, apontando que uma organização fantasmática inconsciente é gerada em função desta instância psíquica. Já para Kaës et al. (1991), o grupo tem a função primordial de “por um curativo na ferida narcísica, evitar a angustia do caos, justificar e manter os custos identificatórios, preservar as funções dos ideais e dos ídolos.” ( p.3) e sendo assim, de estruturar o sujeito, pois este contrai com ele relações ilusórias sustentadoras de sua suposta identidade.

Tais autores, em convergência com o pensamento freudiano, apontam o paradoxo presente no laço psíquico partilhado no coletivo: o grupo oferece ilusões fundamentais de proteção a um sujeito desamparado e dependente e, também, é fonte de conflitos por exacerbar a angústia diante do desejo ambivalente de viver e não viver a experiência de castração. Assim, no campo dos fenômenos grupais, a mesma corrente libidinal que favorece a tolerância às diferenças e à alteridade, também favorece a intolerância e o afastamento, pois o laço psíquico é frágil e constituído ambivalentemente devido a posição narcísica do eu frente ao outro, estranho e denunciador da falta. Em função disto, um dos recursos defensivos dos grupos contra o desamparo é a fusão com o objeto ameaçador - um líder representado por uma pessoa, uma ideia, o próprio grupo - assim como nos primórdios da constituição psíquica em que bebê e mãe viviam psiquicamente fundidos, denotando novamente a semelhança entre o funcionamento mental coletivo e individual.

Por isto, no dispositivo grupal, o ideal coletivo se estabelece a partir de uma ordem perversa, pois há uma recusa à morte do pai e uma reprodução constante dele enquanto objeto no papel do líder, conforme coloca Poli (2005). Os elos libidinais que ordenam as relações

sociais em um grupo têm como pano de fundo uma ordem perversa em relação ao ideal, pois “a união das massas ao redor de um líder . . . se baseia na ‘ilusão’ fetichista de que o ‘traço’ do ideal está positivado no chefe, é encarnado nele.” (Poli, 2005, p. 31). Retomo o pensamento de Anzieu (1993) o qual ressalta que o grande sonho de transgressão a ser realizado em um grupo é a realização do desejo edipiano proibido, desejo de retorno a um estado mental fusionado com o impossível, que completaria e supriria todas as necessidades, expressão da pulsão de morte e sua tendência de retorno ao inanimado; por isto, a ilusão grupal é vivida como fonte de angústia, pois se trata da associação do desejo de fusão e de uma defesa contra tal desejo, mortífero em sua essência. Por isso, o laço grupal aflora o narcisismo individual.

Segundo Birman (2009), nas últimas décadas, vem sendo estabelecida uma fragmentação da subjetividade, marcando uma nova cartografia do social e nas novas maneiras de construção subjetiva, nas quais o eu se encontra em posição privilegiada. Segundo o autor, na atualidade, o autocentramento se conjuga paradoxalmente com a exterioridade e o “olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica.” (Birman, 2009, p. 23). A consequência deste fenômeno recai sob as inter-relações que assumem um lugar perturbador na economia psíquica do sujeito, já que “na ausência de projetos sociais compartilhados, restam apenas, para as subjetividades, os pequenos pactos em torno da possibilidade de extração do gozo do corpo do outro, custe o que custar.” (Birman, 2009, p.25).

Sem desconsiderar as especificidades e particularidades do desejo de cada instituição-sujeito, tais fenômenos contemporâneos esclareçam alguns dos possíveis modos de enlaçamento estabelecidos na vida institucional. Como dito, a vida institucional é marcada pelo narcisismo, e Birman (2009), aponta que masoquismo e perversão são expressões do narcisismo, sendo as construções perversas e masoquistas complementares entre si, já que

cada um precisa do outro para reproduzir sua forma de ser. Na posição masoquista, o sujeito se cola a um outro e oferece em contrapartida o seu corpo enquanto objeto de gozo a fim de evitar a trágica experiência do desamparo. Porém tal experiência desemboca em um estado de solidão insuportável, de forma que os sujeito “preferem se agarrar á fábula fálica do outro do que suportar o real da angustia.” (Birman, 2009, p. 47).

Segundo Birman (2009), a subjetividade masoquista se caracteriza pela impossibilidade de suportar o desamparo. Assim, masoquismo é o oposto da angústia, pois possibilita que a angústia do real seja afastada. Segundo o autor, “no masoquismo, o sujeito busca um *senhor* e um *mestre* para se colar e fundir com o intuito de evitar a dor do desamparo, mesmo que para isso se transforme em servo do outro.” (Birman, 2009, p. 47). Para ele, o sujeito do masoquismo também nos permite vislumbrar a homogeneidade das individualidades na modernidade como aquilo que caracteriza a sociedade de massas, que não apresentam singularidade nem estilo próprio de existência, se caracterizando pela pobreza erótica e mediocridade simbólica. As ilusões narcísica, masoquista e perversa se complementam.

## **2 - *Pathos* e a Pesquisa**

“O que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha.  
Inelutável, porém é a cisão que separa dentro de nós  
o que vemos daquilo que nos olha”  
(Didi-Huberman, 1998)

### *2.1- Método e procedimentos*

Esta investigação se apoia nos referenciais da pesquisa em Psicanálise, que entende seu objeto como inserido em um método e uma visão de homem particular. Segundo Herrmann (2001), tal método capta o universal no particular, mas abstém-se de generalizar, pois busca encontrar o sujeito particular, o qual espelha a realidade do mundo onde vive. Na obra “Clínica Psicanalítica: a Arte da Interpretação”, Herrmann (1999), esclarece que o objeto de estudo da Psicanálise é sempre a psique – ou aquilo que produz sentido nas coisas humanas. Segundo o autor, a psique e todas as produções humanas são fabricadas por uma dimensão psíquica inconsciente, e o mundo e tudo aquilo que se pode chamar de real humano envolve toda esta dimensão onde o homem individual, o coletivo e a cultura são produzidos. Ele denomina “psique extensa” (Herrmann, 1999, p.145) a dimensão extensa da psique, a qual permite ser apreendida pela interpretação e desvelar o desejo.

No entanto, real e desejo só se dão ao conhecimento através de suas representações realidade e identidade - respectivamente. Realidade, para o autor, é o conjunto das representações do mundo. Segundo o autor, para Freud, no princípio, a grande tarefa da psique era perceber a realidade, mas depois a realidade passa a ser vista como representação. Ele explica: “É inegável que existe em Freud outra e diversa teoria da relação com a realidade, onde esta é essencialmente representação ativa criada pelo sujeito, sendo o próprio

mundo humano uma espécie de *psique* extensa confrontada à *psique* individual.” (Herrmann, 1999, p.18).

Um subgrupo espelha a realidade (no sentido Herrmanniano do termo) da instituição onde vive e determinada instituição espelha a *psique* de seus sujeitos e não se deve estabelecer dicotomias entre sujeito e instituição. Tal posicionamento se apoia também na colocação Freudiana de que a psicologia individual é antes de tudo psicologia social, pois há na mente individual sempre a presença de outro a constituí-la; na discussão de Kaës (2007), de que o inconsciente é estruturado como grupo e na proposição de Fontanari (2007), de que vínculos e sujeitos não se separam e só acontecem compondo terceiridades nos encontros. Tais autores convergem quanto à hipótese de que os fenômenos psíquicos *sujeito, grupo, instituição e sociedade*, assim como as noções de interno e externo, particular e coletivo, individual e grupal sejam análogas em suas lógicas de funcionamento.

Para Neves (1999), “a ênfase freudiana na continuidade dos processos mentais transmitidos através das gerações preconiza a noção da mente coletiva, com processos mentais semelhantes aos existentes em cada ser humano individualmente.” (p.45). E, de acordo com o pensar Freudiano, as instituições são grupos amplamente organizados. Sendo assim o objetivo geral deste trabalho é discutir as especificidades da mente institucional e grupal, seu inconsciente, seus formatos, características, movimentos instituintes, enfim, os afetos e afetações intrínsecos à sua dinâmica de funcionamento, captados a partir da relação transferencial pesquisador-pesquisa e traçar analogias com a mente individual. Abordarei a questão do laço sempre do ponto de vista institucional e as particularidades dos sujeitos só serão abordadas como referências àquilo que na vida grupal favorece a ligação ou desligamento afetivo e a constituição da mente institucional. Assim, o método Psicanalítico se efetivou a partir da análise de minha relação transferencial com a instituição e a posição subjetiva por mim ocupada ali enquanto psicóloga e pesquisadora.

Depois do primeiro contato com a instituição, defini com o grupo o tempo de quatro meses para a execução da pesquisa, a ser distribuído em dezesseis encontros semanais, aos domingos, sempre no mesmo horário. O objetivo específico da montagem dos grupos foi criar um espaço de contato com os moradores para o trabalho psicoterapêutico e investigar como se relacionavam e estabeleciam laços com a instituição. Não foram feitas entrevistas individuais para a escolha dos participantes e os grupos se formavam espontaneamente, a partir do livre arbítrio dos moradores.

O fato de serem grupos abertos representou parte das dificuldades e impasses na execução da pesquisa. Apesar de alguns membros terem sido constantes em quase todos os encontros, como Fábio, Juliano, Lúcio, Henrique, Zenaide, Bárbara e Ernesto (nomes fictícios), a rotatividade na instituição era grande, fazendo com que sempre viessem moradores novos e que o grupo variasse entre 1 a 15 moradores. Os novos membros, com suas dificuldades inerentes aos primeiros dias de vida institucional incomodavam os antigos e desestabilizavam o grupo. Geralmente eles não conseguiam se escutar e eu vivia a mais genuína impotência quanto ao estabelecimento de um setting para a grupanálise. Em função disto, contratransferencialmente, modifiquei o formato dos encontros três vezes.

Durante os oito primeiros encontros mantive a proposta da psicoterapia de grupo. Desiludida e sentindo que esta não funcionava como “deveria” mudei a estratégia e propus à coordenação geral montar um grupo apenas com os líderes para conversarmos sobre os problemas surgidos em suas casas e nas equipes de trabalho. Esta proposta não se efetivou além do primeiro encontro com os líderes e no próximo encontro, apenas o morador Henrique compareceu para explicar porque os líderes não aceitaram a proposta. No encontro seguinte, sem nenhum objetivo prévio definido, vieram vários moradores novos e antigos e propus confeccionarmos um jornal, proposta que se manteve até o fim da pesquisa, por mais seis encontros. Por fim, cabe salientar que nos (des) encontros com o objetivo inicial, entre a

primeira e a terceira proposta, a percepção da desilusão foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e desta escrita.

## *2.2- Apresentando-me: uma pesquisadora nas tramas de Pathos*

No primeiro encontro com o grupo efetuado para convidar-lhes para a pesquisa, senti que a violência psíquica e o medo se desvelavam nos olhares, no não dito, nas tentativas de controle da agressividade verbal, nos silêncios, nos comentários irônicos disfarçados pelo humor e na submissão ao discurso do presidente. Percebi que medo e persecutoriedade eram muito intensos ali. O medo vinha da possibilidade de falar ou fazer algo que não podia e ser expulso da casa e a persecutoriedade das constantes acusações mútuas, algumas silenciosas e expressas em entrelinhas, outras declaradas.

Senti-me imersa no caos, com dificuldade de entrar em contato com o que percebia e ouvia. Esta era a segunda vez que eu vinha a casa, e até aquele momento, não tinha tido nenhum contato com aquelas pessoas. Durante a conversa, alguns entravam e se sentavam na roda, enquanto outros saíam ou se sentavam fora da roda, em algumas mesas dispostas ao lado e atrás de nós e ficavam observando, com aparente desinteresse. Havia aproximadamente trinta pessoas no grupo, alguns em estados mentais perceptivelmente graves, cujos nomes fictícios cito: Renata, Zenaide, Zulmira e Barbara eram travestis; vieram também Antonia, Ernesto, Vieira, “Tio” Alberto (o presidente), Emerson, Paula, Fernando, Susete, Ângelo, Alexandra, Carmem, Cairo, Marcio e Vânia, Victor, um cadeirante, outros que se recusaram a falar e Afonso que se sentou fora da roda, nada falou mas foi apresentado como aquele que só sabia falar de comida. Fora os muitos outros que se sentaram ao redor.

O encontro durou uma hora e quarenta minutos. Depois de me apresentar, pedi que falassem sobre si mesmos, que se apresentassem. Alguns falaram de suas histórias pessoais.



Longas histórias de abandono, de uso de drogas e atitudes desesperadas para manterem-se vivos. A maioria elogiou a instituição enquanto um espaço que lhes garantia a vida, pelo afastamento das drogas e o tratamento para o HIV, sempre enaltecendo o trabalho da casa e do presidente. Apenas Zenaide se referiu aos aspectos negativos da instituição, dizendo não ser fácil a vida lá. Com um discurso politizado, Zenaide contou ter morado em outra cidade e que, apesar de ser muito capaz e ter sido responsável pela família e pelo casamento das irmãs, a vida ali não era fácil. Antônia, jovem, obesa, falante e de humor irritadiço, retrucou suas colocações, uma discussão pareceu se iniciar, mas logo se acabou.

Logo depois, Antônia se referiu a Paula como alguém que impedia a passagem dos demais, por estar gorda. Este comentário fez com que Paula saísse e não mais retornasse ao grupo. Alberto e nenhum outro membro nada comentou sobre o fato, que ficou como se não tivesse acontecido, uma negação em conjunto. Alberto, após este episódio, fala sobre seus sentimentos de amor pelo lugar, que não está lá só pra levar, mas também para buscar alguma coisa, pois aprende muito com aquelas pessoas. Neste momento, Antônia sai e volta com dois pratos de melancia, ficando com um para ela e entregando o outro para o presidente. Ela faz um comentário sobre a alimentação da casa, dizendo ser muito boa e comenta que se o “Tio” não for lá um só dia, fica faltando alguma coisa. Ouço pela primeira vez a maneira como eles tratam os dirigentes da casa, usando a expressão “Tio”. É como na educação infantil, em que as professoras são as “tias”. Neste momento, o presidente diz a todos que a “Tia Raquel” também está lá para ajudá-los.

Em determinado momento, Rose, a coordenadora da casa chega atrasada, se desculpa e diz não ter entendido qual o objetivo do nosso encontro. Eu exponho sobre a pesquisa e digo que preferia saber deles o que gostariam que fizéssemos juntos. Ela insiste que eu fale e, diante da insistência, digo que gostaria de criar um espaço para conversarmos sobre o que sentiam. Ao que ela pergunta: *“Ah, então é terapia de grupo?”* Eu concordo, sentindo-me

estranhamente “pega em flagrante”. Acredito que a sugestão de Rose tenha sido decorrência de sua percepção de algum tipo de demanda, mas não pude ouvi-la no momento em função de algumas fantasias que me assombravam. Eu sentia-me impotente e, em minha fantasia, acreditava que três hipóteses poderiam acontecer caso eu propusesse o trabalho de psicoterapia de grupo: a) eles se sentiriam ofendidos; b) eles não iriam compreender; c) eles não se interessariam. Em todas as hipóteses, não aceitariam.

Segundo tais fantasias, pareço tê-los denominado como pessoas frágeis, ignorantes ou indiferentes, enquanto eu seria a psicóloga que poderia cuidar ou salvá-los destes afetos. A meu ver, eu me encontrava diante de um grupo de pessoas que se encontravam em profundo sofrimento psíquico por serem excluídas da sociedade, abandonadas e doentes. Desta forma, penso que para lidar com a impotência, minha onipotência se desvelou. O caos presenciado empurrava-me violentamente para um lugar messiânico que me levou a querer *fazer alguma coisa por eles, prestar-lhes algum tipo de ajuda e a acreditar cegamente que o trabalho de psicoterapia grupal lhes seria benéfico.*

Talvez seja possível considerar que eu tenha vivido experiências contratransferenciais intensas com este grupo e tenha me colado ao discurso daquela que poderia salvá-los através do cuidado em saúde mental e que tenha desejado o grupo psicoterapêutico como uma possibilidade de proteção contra a violência psíquica gritante ali. Contratransferencialmente, minha identificação com o desamparo determinou uma paralisação em minha capacidade de pensar e intervir. Neste primeiro momento, senti vontade de sugerir intervenções ao presidente, que nada fazia diante do clima de apatia e agressividade, expressos nos rostos, nos tons de voz, nos olhares e no profundo silêncio da maioria, mas não o fiz. Além disso, desejei que o encontro terminasse logo e senti dificuldade em me manter ligada nos assuntos levantados.

Durante a conversa alguns se posicionaram a favor da participação na pesquisa e outros contra. O presidente procurava apoiar-me, dizendo a todos da oportunidade ótima que eu estava proporcionando-lhes, sem obrigá-los a participar. Diante desse turbilhão afetivo, fui bem objetiva. Imaginei que, contando com as desistências, seria possível montarmos um grupo com até sete ou oito pessoas no máximo (número que para mim é confortável de se trabalhar) e que, assim, partiríamos para o trabalho. E caso a demanda fosse muito grande, eu trabalharia com dois ou três grupos paralelos. Estabeleci um breve contrato: ficaríamos quatro meses juntos, em encontros semanais com uma hora e meia de duração cada, em um espaço reservado e sugiro que não viessem pessoas da mesma família, abordando também a questão do sigilo. Somente em um momento posterior, pensei na inviabilidade de minha proposta: como ficariam em sigilo se moravam juntos, alguns nas mesmas casas? Por que não poderiam estar no grupo os casais ou da mesma família?

Esse primeiro encontro desvelou que, por identificação, funcionávamos em uníssono, pois, em defesa contra o desamparo, onipotentemente, lançávamos mão do agrupamento. Eu cria cegamente no poder do grupo ao propor-lhes a psicoterapia grupal, enquanto eles também acreditavam “escolhendo” a vida partilhada e comunitária da instituição. Penso que defesas contra qualquer coisa que provocasse ruptura ou desestabilização nessas crenças foram acionadas por nós através de pactos inconscientes. Sendo assim, eu e grupo fundimo-nos no desejo de coesão.

Saliento que minhas fantasias sobre os sentidos do *estar em grupo*, discutido na introdução deste trabalho viabilizaram, a partir deste primeiro encontro, questionamentos fundamentais e guiaram todo o percurso da pesquisa. Tais fantasias desvelaram a maneira como me envolvi afetivamente com a instituição. Desvelaram também que minha ilusão com a grupalidade está intimamente relacionada à *Pathos*. Para Manoel Tosta Berlinck (2000), *Pathos* é “tudo o que se faz ou acontece de novo, do ponto de vista daquele ao qual acontece.

Nesse sentido, quando *Pathos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura, se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar de tal processo” (p.18).

*Pathos* seria ainda um dado da existência humana com o qual devemos contar e aprender a tirar proveito, algo que pode ser transformado em experiência e que alarga e enriquece o pensamento. É objeto de transferência e de um discurso que, ao narrar o sofrimento, as paixões e a passividade é dirigido a um interlocutor capaz de transformar a narrativa em experiência. (Berlink, 2000). A posteriori, na análise deste primeiro encontro, percebi que meu desamparo fora reativado pela instituição e que este encontro fora uma mostra de todos os outros. Entendo que a experiência neste primeiro contato expressou a força do método psicanalítico e o quanto a aplicação do método expõe os nós do desejo. Acima de tudo, este encontro trouxe à tona a força de nossa pulsão mortífera, ao mesmo tempo motora e paralisadora da vida psíquica, onde quer que um sujeito se encontre.

### 2.3- Apresentando a instituição.

A instituição objeto de estudo desta pesquisa sobrevive por mais de duas décadas. A estranheza advinda do paradoxo entre seu longo tempo de sobrevivência, a ausência de profissionais de qualquer área do conhecimento e a gravidade dos sintomas de seus moradores causaram-me muito incômodo durante os quatro meses que lá estive. Trata-se de uma Organização Não Governamental (ONG), criada em meados dos anos 1990 para acolher pessoas soropositivas ao HIV. Possui caráter religioso e filantrópico e mantém o enquadramento asilar, configurando-se como um espaço onde os moradores vivem em sistema de internato, recebendo gratuitamente moradia, alimentação e assistência básica necessária para subsistência. É uma instituição de acolhimento que comporta oitenta pessoas, mas que à época da pesquisa contava com 42 pessoas entre adultos jovens, crianças e idosos vivendo em situações de rua, alguns com deficiência física, outros com vínculos familiares rompidos desde longa data.

Nasceu de um ato de caridade de sua fundadora incomodada com o sofrimento dos primeiros portadores do vírus HIV. É composta de seis casas independentes que se dispõem em estilo colônia. Na entrada há uma recepção simples, mas confortável e organizada, um corredor central para livre circulação e uma área coberta para convivência no final deste. Este corredor é o espaço onde os moradores se encontram, o lugar dos contatos. Segundo Birman e Serra (1988) estes espaços compõem a geografia institucional e fazem parte de uma matriz virtual que quase nunca é explicitamente formulada. Para os autores, os espaços institucionais, se observados pelo viés simbólico nos colocam “diante de uma lógica não fundada num saber, mas numa *racionalidade institucional*” (Serra & Birman, 1998, p. 15, grifo dos autores). Assim, o local e as impressões a que me refiro aqui, representam o espaço simbólico:

Através da dimensão simbólica um novo limiar de deciframento é atingido para os lugares e as práticas: certos lugares adquirem um sentido de que eram destituídos, ou se duplicam numa nova rede de significações, assim como podem ser destacadas novas práticas silenciadas entre as que são explicitadas, ou que operam em simultaneidade com elas. (Serra & Birman, 1998., p. 14).

Seguindo este viés simbólico, o lugar lembrava-me um vilarejo, pois as seis casas que o compõem são distribuídas linearmente em um mesmo terreno. Talvez por isto, desde o início, eu referia-me a ele como “casa”, expressão usada neste trabalho repetidas vezes. A imagem de vila é reforçada pelas cadeiras espalhadas pelo corredor, onde os moradores tomam sol ou fazem alguma atividade; além disto, a imensa árvore na frente da casa, o vaso de plantas no corredor, a limpeza e a organização ali constantes reforçam a imagem “caseira”. Mas trata-se de uma casa bizarra e todo seu ar caseiro termina quando se percebe a *bizarrice* circulando pelos espaços que lhe constituem.

Esta bizarrice se desvela quanto se vê transitar pelo corredor pessoas com diferentes níveis de comprometimentos orgânicos, neurológicos e mentais. Um número significativo sofre de perda auditiva e faz uso disto para conseguir pensão junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS); dois deles são cadeirantes, sendo que um apresenta comprometimento neurológico grave e distúrbios visíveis na compreensão e na fala; o outro é um idoso *famoso* na casa por ter sido um grande estilista no passado, que não se comunica verbalmente e parece estar em um quadro de psicose; vários são obesos, sendo uma obesa mórbida; outros quatro, por seus comprometimentos psiquiátricos visíveis, fazem uso de medicação antipsicótica e são designados como “os come não dorme”, pois passam a noite acordados pedindo cigarros; estes executam a função de descascar alho todas as terças-feiras por não conseguirem participar de outras tarefas; e há ainda várias travestis que, com seus vestidos apertados e curtos, saltos altos, excesso de maquiagem, silicone e comportamento extravagante, parecem se esforçar para trazer algum brilho ao lugar. Há também adolescentes e jovens mães com semblantes pesados e angustiados e suas crianças, algumas ainda bebês. Aqueles que estão em melhores condições de saúde cuidam dos que estão piores, desde a higiene até o cuidado com medicações e saídas para consultas médicas, e são geralmente os escolhidos para liderarem suas casas.

De acordo com colocações unânimes, todos buscam ali proteção à morte. O lugar conta com nove líderes. Seis deles são líderes apenas de suas casas; uma, além de liderar sua casa, é também a coordenadora geral da instituição; outro é o presidente, o qual vive fora de lá; e a outra é a fundadora, que, apesar de residir em outra cidade, vem ao asilo mensalmente. A casa conta também com a liderança dos dirigentes do centro espírita, que apesar de não se envolverem em sua dinâmica de funcionamento, lideram através dos cultos diários realizados todas as noites e de cunho obrigatório a todos.

O meu primeiro contato com a casa foi intermediado pela coordenadora geral. Esta pergunta sobre meu interesse, apresenta-me uma de suas filhas legítimas e as três crianças que adotara, contando de maneira contundente que não basta cuidar de si, mas é preciso se doar também. Penso que, nesta colocação, intencionava contar-me que naquele lugar a generosidade e a bondade imperavam. Há neste discurso um sentido simbólico referente ao ideário solidário e filantrópico das ONGs, discutido por Landim (1993), que apresento a seguir.

Segundo Landim (1993), os fundamentos para a criação das ONGs foram lançados no início dos anos 1980 e marcavam distinções claras em relação aos discursos das igrejas, movimentos sociais e partidos políticos. Segundo a autora, o processo de criação das ONGs foi se estabelecendo através de redes de entidades mais ou menos formalizadas, em que investimentos pessoais e institucionais levavam à ocupação e ao controle de postos que conferiam prestígio a quem os detinha. Nasceram como espaços de luta contra o regime militar, desenvolveram-se afastadas dos órgãos governamentais (os quais eram vistos como opositores aos seus trabalhos) e dedicavam-se a uma atuação voltada para as bases da sociedade, na criação de contra-poderes.

As ONGs foram obrigadas a desenvolver um discurso que especificasse sua atuação autônoma, se constituindo como um espaço de autonomia e questionamento do estado, promovendo articulações entre a sociedade civil, cidadania e direitos das classes populares. A luta contra os vícios das atuações do estado, como as ineficiências e autoritarismos, justificava a distinção entre a atuação do aparelho estatal da atuação de entidades não-governamentais. Por isto estiveram, desde sempre, ligadas a movimentos populares e a serviço destes movimentos.

Abertura e maleabilidade são palavras que as definem, “mesmo se compostas por quadros muitas vezes saídos de correntes de pensamento e ação com tendências

fundamentalistas na prática política” (Landim, 1993, p.172). Atualmente, o desejo de mudança e de superação de antigos ideários leva a um alargamento do leque de relações entre as ONGs e as instituições da sociedade civil. Por exemplo, as fundações ligadas a empresas voltadas para trabalhos sociais e obras sociais filantrópicas tradicionais, numa tentativa de superar estereótipos e preconceitos mútuos.

Segundo Landim (1993), na invenção de um “setor sem fins lucrativos”:

Estão em jogo questões como a da ‘construção de sociedades civis’, ou a de ‘combate à exclusão dos pobres’, ou de ‘alívio da miséria’, ou de ‘substituição de agências governamentais na prestação de serviços sociais’, ou de ‘pressão quanto à formulação de políticas públicas’. Ou ainda essas organizações são vistas como *locus* de valores geralmente ligados ao ideário liberal como ‘pluralismo’, ‘participação’, ‘altruísmo’, ou mesmo a valores inspirados pela religião como a ‘caridade’ e o ‘amor ao próximo’. (p.178).

O caráter altruísta das ONGs abre a possibilidade para um questionamento sobre o discurso filantrópico da instituição pesquisada o qual será discutido mais adiante. Em seguida, a coordenadora convida-me a conhecer o restante da casa, a começar pela farmácia. O responsável pela farmácia relata-me orgulhoso que muitos moradores apresentavam dificuldades em aderir ao tratamento medicamentoso e morriam por causa disto, mas que atualmente tal situação havia mudado. Conta também que agora eles recebiam doações de remédios, o que ajudava bastante. Isto me despertou a curiosidade, pois apresentar a farmácia em primeiro lugar denunciava um tipo de relação particular com a medicação, que também será discutido neste trabalho mais adiante.

Em seguida, proponho conhecer o restante do local e a coordenadora se dispõe a acompanhar-me. Mostra-me duas casas internamente. Depois me conduz ao refeitório, impecável, pois acabara de ser reformado por exigência da vigilância sanitária. Parece ser o



orgulho da casa. Muito bem organizado, limpo e todo branco, com suas grandes tubulações, lembra-me friamente a cozinha de um grande restaurante. Também estava sendo construída a biblioteca no local onde antes funcionava a antiga cozinha. Ali sou detida por outra forte impressão. Os livros estavam jogados no chão e o cômodo cheio de entulhos. Pus-me a questionar qual a utilidade de uma biblioteca naquele lugar, já que diante das condições sociais, físicas e psíquicas precárias dos moradores, poucos deles se interessariam por literatura ou livros. Isto também será discutido neste trabalho.

Ao lado das casas principais, há a creche, que abriga as mães com suas crianças. Ali foi o começo de tudo e onde viveu o antigo presidente, hoje falecido. Não entramos. Ficamos na área externa. Neste momento, a coordenadora conta que a instituição vive de doações, que logo chegará uma verba do exterior e que isto lhes garantirá boa melhoria. Terminada a visita, saio do local com um sentimento misto de satisfação, curiosidade e desconfiança. A limpeza do local e as reformas passaram uma boa impressão, um clima de cuidado e organização, mas também incomodaram. Não pude deixar de relacionar isto e a verba que chegaria a atitudes ilícitas, perguntando-me o tempo todo de onde viriam tais recursos.

Atualmente, a instituição ampliou seus objetivos e está voltada também para o abrigamento de dependentes químicos. Os encaminhamentos são recebidos de diversas formas, inclusive pelos Centros de Atenção Psicossocial modalidade Álcool e Droga (CAPS-AD) da cidade, mas o meio mais comum de entrada é a demanda espontânea. Portanto, seus moradores estão entregues tanto à condição de vulnerabilidade imunológica pelo HIV, quanto ao uso desenfreado de substâncias químicas. Se antes a instituição acolhia pessoas doentes (concretamente no corpo) acometidas por um vírus, ao abrir suas portas para pessoas com problemas de dependência química, não infectados pelo vírus, parece não ter se dado conta das alterações que esta abertura provocaria em sua dinâmica de funcionamento.

Tal apontamento se faz importante porque esta abertura parece denunciar a existência de um *para-além* do corpo e ter gerado uma mudança no clima institucional, provocando dúvidas e conflitos antes não vivenciados entre dirigentes e membros. Mas não observei nenhuma alteração na forma de a casa lidar com tais impasses. O presidente, quando questionado por mim sobre tal fato, relata não saber bem ao certo porque decidiram acolher também não portadores do vírus e questiona-me sobre minhas impressões do lugar. Percebo que uma ausência de planejamento causava-lhe insegurança e dúvidas.

O que me interessa ressaltar é que tal mudança não pode ser pensada pelos dirigentes da instituição. Parece que pensar como alguns sintomas - a abstinência, por exemplo - afetar-lhes-iam a vida institucional não era relevante. Sendo assim, retomo o pensamento de Bleger (1984) ao apontar que “por responder às mesmas estruturas sociais, as instituições tendem a adotar a mesma estrutura dos problemas que têm que enfrentar.” (Bleger, 1984, p. 62). Apresentarei a seguir como se estabeleceu nosso primeiro encontro em grupo.

### 3 - O laço a partir de quatro discursos

“Eram pressupostos um do outro, como luz e sombra.  
E de olhar em olhar se acendiam e apagavam como estrelas”  
(Priscila Seabra, 2011).

#### *3.1- “Você está aqui para ensinar ou para aprender?” Fábio e o discurso da dependência química.*

Pretendo desenvolver neste capítulo uma discussão a partir de alguns discursos presentes na instituição, e pensar como, em suas práxis cotidianas, estes discursos contam dos pactos e alianças inconscientes entre os subgrupos e dirigentes da casa, favorecendo o estabelecimento de determinadas modalidades de laço.

Durante um dos encontros no grupo, Fábio falou de forma muito irritada comigo por eu não lhe dar uma resposta exata sobre o porquê de sua dependência química. Ele era um morador recém-chegado de sua cidade natal onde havia recaído e perdido todas as suas economias. Segundo suas próprias palavras, diante da vida, há apenas duas opções: o sim e o não e ele tinha que conseguir dizer “não” para as drogas, pois dentro dele teria que haver um “sim” para a vida. Nessa conversa, falou de maneira irritada sobre sua expectativa em conseguir ficar em sua cidade natal sem se drogar; ele teria que achar uma resposta para este enigma e sim ou não eram as únicas possibilidades. Em seu pensamento rígido, não havia espaço para a dúvida ou algum questionamento sobre si mesmo e ele projetava toda raiva em mim. No meio da conversa, pergunta-me em tom acusatório: *“Mas você está aqui para ensinar ou para aprender?”*. Segundo ele, eu era uma psicóloga e meu conhecimento sobre o assunto era maior que o deles; eu era alguém que está lá para lhes ensinar e não apenas ouvir e aprender coisas novas. Além disso, apenas falar e dividir os problemas com os outros não

extinguia a raiva e a angústia que ele sentia e escutar palavras boas vindas de mim lhe faria muito bem, segundo ele. O pedido de uma resposta pronta para o problema da adicção e de *uma fala boa para acalmar* apontava para traços da personalidade de Fábio e do sujeito adicto relacionados à baixa tolerância à frustração e procura pela realização imediata do desejo, em um tipo de funcionamento psíquico estabelecido pelas regras do princípio desprazer-prazer.

Desta conversa com Fábio, apreendi que a adicção denuncia o modo de funcionamento de um sujeito propenso ao transbordamento afetivo. É como se não coubessem dentro dele as mazelas humanas e ele desistisse da constante recriação e transformação que o *projeto viver* exige, diferentemente do *projeto cura*, que oferece uma saída impossível, quase mágica. Tal projeto institucional foi alcunhado por mim e propõe a libertação da dependência química através do trabalho em equipe, da fé e da participação nos cultos espíritas.

Foi nestas condições que Fábio procurou a instituição, relatando-me que a casa era um porto seguro onde se sentia protegido de suas fragilidades. Certo dia Fábio me pergunta: “*O que faz agente ‘mudar’ daqui pra lá?*”. De lá pra cá significava “da casa dele para a instituição” e com essa pergunta conta da mudança de humor vivida quando vai para sua cidade e perde rapidamente o controle em relação ao consumo de drogas; Fala-nos de sua angústia diante da incapacidade de permanecer em sua cidade sem consumir drogas, como quando está sob os cuidados da instituição. “*A gente perde tudo, o dinheiro, a família, a casa, fica só com os pensamentos ruins*”, finaliza Fábio. Nesse dia, ele conta também que o que o segura na instituição era o respeito pela casa, que é o respeito que o faz mudar para não se drogar e as regras que o ajudam a se controlar. Em suma, viver na instituição ajudava-lhe a evitar o uso de drogas. Além disto, ver os colegas se esforçando no mesmo objetivo também ajudava.

Este desabafo de Fábio leva-me a pensar na função da instituição em sua vida e na necessidade de manter-se apegado ao ideal institucional para alimentar alguma ilusão.

Enquanto em sua residência, os conflitos eram escancarados e insuportáveis, levando-o a procurar um amortiza-dor para a angústia, a instituição ocupava este lugar amortiza-dor pela idealização e identificação com os colegas. Neste sentido, Kaës et al (1991) aponta que uma função vital das instituições é mobilizar algumas representações que auxiliem na regulação endopsíquica e na identificação de seus sujeitos com o conjunto. Segundo o autor:

O significado último, manifesto e ao mesmo tempo velado da mensagem institucional é a presença total e trovejante de Eros que une os seres entre eles ‘amai-vos uns aos outros’, ‘amai-vos tanto quanto eu vos amei’ e que . . . permite a cada um reconhecer no outro o seu “próximo”, todos se movendo à sombra da lei e só possuindo uma identidade enquanto portadores dessa lei, incontestada e incontestável. ( p. 54).

Da mesma forma, Bleger (1995) aponta também que o ser humano encontra nas instituições um suporte, um elemento de segurança, identidade, inserção social e pertença e esta passa a fazer parte de sua personalidade, configurando significados e valores distintos para os indivíduos e grupos que lhe pertencem. Quanto maior a integração de uma personalidade, menos ela dependerá do suporte da instituição e quanto menor, mais imatura e dependente será da instituição.

A instituição objeto desta pesquisa não se enquadra na descrição de comunidade terapêutica ou de centro de tratamento para a dependência química, apesar de ser este o perfil de seus membros e de a droga ser o meio mais comum de infecção ao vírus HIV. Mesmo assim, parece carregar em seu modo de funcionamento o ideário destas instituições especializadas, ao promover a identificação dos membros com o projeto cura e com o velho lema “mente vazia, oficina do diabo”.

De acordo com Baptista (2003), referindo-se aos centros de tratamento da toxicomania,

Existe uma só autoridade fundamental que sustenta e rege os objetivos do grupo. A orientação de suas vidas é delegada a um Poder Superior, cujo reforço de sua figura como ideal solidifica o coletivo. Podemos apreender que essas instituições trabalham, a princípio, a partir de uma supressão das diferenças subjetivas, pois é através de uma identificação comum e homogênea a um ideal que o tratamento é feito. (p. 125).

Segundo a autora, o sujeito se identifica tanto com o significante toxicomania como com os membros do grupo, realizando uma espécie de cola imaginária em que se vê igual aos colegas, diluindo-se as diferenças entre cada um. A título de esclarecimento, aponto que o conceito de toxicomania não é um conceito psicanalítico, advém do discurso da psiquiatria, que, em meados do século XIX a considera de forma isolada como uma categoria específica da área clínica e que se relaciona a atos maníacos e à inclinação impulsiva (Santiago, 2001). Sendo assim, utilizar-se-á neste trabalho a expressão dependência química ou apenas dependência, por ser este o termo mais coerente com o pensar psicanalítico.

Na dependência química, o sujeito estabelece uma relação com a droga que se baseia na repetição e esta ocupa, em sua economia psíquica, um lugar central. “O sujeito prescinde do Outro e passa a acreditar que se basta a si mesmo.” (Baptista, 2003, p.126).

Segundo Faria (2009), o sujeito dependente químico, ao procurar uma instituição para tratamento, nos coloca diante de um paradoxo, pois parte do sintoma destes sujeitos diz respeito a uma corrosão dos laços sociais, mas diante da dependência, eles acabam por fazer parte de uma categoria, encontrando nos centros de tratamento um *lugar*. Dentro desta linha de pensamento, há uma disparidade, um desencontro, entre o problema da dependência química particular a cada sujeito e a forma como a instituição em questão lida com o mesmo.

Esta não trata daquilo que seus membros sofrem, ou seja, de seus modos particulares de desejar e gozar, mas, sim do objeto droga, segundo Faria (2009).

Ao colocar a droga como o único objeto causa-dor passa a trabalhar para exterminar o vício, utilizando-se da mesma cola imaginária que seus sujeitos e colando-se na ideia de que esta é a única causa de seus sofrimentos, impossibilitando-lhes de entrarem em contato com os afetos latentes ao ato de drogar-se. Em suma, trabalha-se apenas com o manifesto, com o sintoma. Isto se reflete naquilo que Villar (2012)<sup>1</sup> coloca como a dinâmica social em que se inserem estes sujeitos. Segundo a autora, há um apelo público a favor da internação, segregação e captura do drogado e a droga passa a ser o bode expiatório para aquilo que não compreendemos, para questões sociais e éticas que não queremos olhar, sendo que os equipamentos que oferecem atenção e cuidado para aqueles que fazem o uso prejudicial de álcool e outras drogas encontram-se emaranhados a este contexto. E embora apareça nesta concepção a proposta de um cuidado, ela acaba se tornando um problema, pois leva a institucionalização de uma clínica, a clínica da exclusão, do isolamento, da captura do desejo e da segregação, cujo objetivo restringe-se a afastar o sujeito do objeto droga e isolá-lo de todo o universo que possa remetê-lo ao desejo de drogar-se.

Mas, como coloca a autora, a questão é que o desejo não está de fora, mas sim posto como condição do ser vivente. O que há por detrás desta proposta é a ideia de deixar o risco do lado de fora. Porém, junto com o risco, trabalha-se para deixar de fora também o desejo. Em suma, exclui-se o desejo. Há um jogo pulsional em movimento que fundamenta tanto a vida institucional como a psique de seus moradores. Entretanto, o movimento psíquico que se estabelece neste processo não envolve apenas a *contaminação* do sujeito pelos efeitos mortíferos da vida institucional ou da substituição do narcisismo individual pelo ideal

---

<sup>1</sup> Comunicação Oral. Villar, E. B. (2012, ago, 23). Mesa Redonda: Álcool e Outras Drogas: por uma Política sem Exclusão. In *50 anos de Regulamentação da Psicologia no Brasil*. Uberlândia, MG.

coletivo, mas de um movimento dialético entre sujeito e instituição, personagens deste enredo em que ambos lucram e perdem.

Silveira e Moreira (2005), discutindo a relação do sujeito com as drogas, apontam que há algumas características psíquicas repetitivas neste sujeito, que, ao ver nas drogas uma maneira de aliviar a tensão e propiciar prazer imediato, lida com o objeto droga de forma adesiva, desconsiderando seus semelhantes como fontes de prazer ou convívio, apresentando ligações afetivas instáveis e conturbadas. Em suas formas de organização psíquica, buscam narcísica e onipotentemente na droga a possibilidade de independência total e autossuficiência, carregando consigo as identidades de pessoas que comumente se isolam e não suportam a intimidade ou vinculações muito próximas.

De maneira similar, a instituição permanece desarticulada da rede pública de saúde, não conta com uma equipe de trabalho, funcionando de forma independente, narcísica e isoladamente do meio externo, não oferecendo nenhum tipo de terapêutica psíquica ou ocupacional. Parece que assim como seus sujeitos vivem a adesão ao objeto droga com fórmula mágica para aliviar a dor de existir, ela também se adere à ideia de tratamento da AIDS e cura da dependência química pelo viés do pensamento mágico e da negação.

Uma questão muito presente na casa é a resistência em conversar sobre a angústia nos períodos de abstinência dos moradores. Também, quando algum morador recai e tenta retornar à instituição, geralmente é aceito, e sua recaída é tratada silenciosamente, como passageira e inerente ao processo. Quanto a isto, a regra é a perda do direito às saídas por três meses, como uma punição corretiva. Loureiro (2005) aponta que, nas “fraternidades de autoajuda”, as recaídas ao uso de drogas são vistas como fracassos morais e não como crises. Nestes lugares, segundo o autor, devido a seu cunho religioso, tudo que se diz se expressa como um discurso massificado pela religião e o sujeito é sempre visto como um adicto em recuperação, passivo em seu desejo de usar a substância. Segundo o autor:



Justamente porque o seu prazer não tem voz, existe a secreta certeza da repetição, oculta no avesso da culpa, porque o que anestesia qualquer possibilidade de ação e de escolha está sustentado por uma espécie de hipocrisia semelhante aos conflitos não vivenciados pela moral religiosa, a saber, os deslizes inspirados pelos desejos do corpo. (Loureiro, 2005, p. 20).

Em convergência com o autor, Birman e Serra (1988) apontam que, em um asilo, tudo aquilo que foge da ordem e da regularidade estabelecida é imediatamente castigado, culpabilizado ou excluído na sua interioridade para se impedir a sua difusão entre os moradores. Desta forma:

Numa estrutura assim configurada não há campo para emergência temporalizada de uma história de vida. O corpo está ausente enquanto núcleo simbólico. Presente enquanto máquina orgânica, enquanto limite para o adestramento na rotina da vida simplificada, que fornece os índices que indicam a inserção domesticada na sociedade competitiva sem modificações: despertar, almoçar, jantar, medicação, consultas, visitas, terapêutica ocupacional. (Birman & Serra, 1998, p. 24).

### *3.2- O dispositivo da AIDS, a farmácia e o discurso pós-moderno.*

De acordo com Bauman (1999), uma das características da pós-modernidade é o isolamento e a baixa força do coletivo, pois, como seres do consumo, somos seduzidos todo o tempo pelo mercado e pela mídia a sermos independentes e autônomos, levados ao individualismo exacerbado. Para o autor, a chave para o problema social reside no ato moral primordial de se assumir responsabilidade social pelo outro. O sujeito de antigamente contava com o estado para regular sua vida, e sua identidade era construída passo a passo no sentido

de sua autorrealização. Hoje, segundo o autor, o objetivo não é mais realizar, mas consumir os produtos e, através deste movimento, criar sozinho a própria identidade, que precisa ser trocada a todo instante para que o mercado se interesse pelo sujeito e vice-versa. Isto gera uma intensa sensação de desamparo e leva à ideia da injustiça como algo comum, corriqueiro, pois cada ato cometido é visto isoladamente e não mais como algo que atinge um grupo todo.

É assim que, segundo o autor, as atuais circunstâncias sociais, culturais e políticas geram a experiência da injustiça e a incriminação da pobreza. O pobre torna-se culpado por sua pobreza, por não entrar no mercado de consumo e não renovar, a todo tempo, o seu desejo e a si mesmo. O sujeito é então um ser culpado isoladamente, não havendo mais quem o defenda. Segundo Bauman (1999), na vida pós-moderna liberdade é critério de qualidade de vida, e mobilidade é o nome do jogo. A identidade não pode fixar-se. O turista e o vagabundo, aqueles que não se fixam em lugar nenhum, são metáforas para o homem pós-moderno e a vida é vivida como um episódio, no qual as normas estão cada vez mais distantes. É um processo inquieto, rebelde, rápido. O que é novo se transforma em marginal, e o marginal, no futuro, se transformará em exceção. Com isto, a ideia de imortalidade é desconstruída e extinguem-se as posições mortalidade-imortalidade, transcendência-duradouro.

O ano de criação da AIDS foi 1981 (Pelucio & Miskolci, 2009). Sendo assim, historicamente, a AIDS é um advento pós-moderno, sendo possível considerar a referida instituição como um paradigma da pós-modernidade. No discurso contemporâneo, encontra-se engendrado o discurso sobre a AIDS desde seus primórdios, época em que se considerava o sujeito responsável pela sua saúde, pois podia se autorregular em prol dela, mas também ser culpabilizado caso esta lhe faltasse e fosse contaminado (Pelucio & Miskolci, 2009). Assim, o sofrimento do sujeito soropositivo é culpabilizador, pois ele é visto como a fonte de sua própria contaminação e dos demais.

Segundo as autoras, isso gerou um violento processo de subjetivação desencadeado pelo discurso preventivo da AIDS, em que o sujeito tinha que exercer sua autoconsciência para querer ser saudável. É o que as autoras nomeiam por Sidadanização dos Sujeitos, um processo de conversão que pressupõe a adesão aos princípios modernos da individualização, da autorresponsabilização e da racionalização. Tal modelo preventivo visa constituir subjetividades que se autovigiam, autorregulam e autocontrolam, internalizando a vigilância sobre o corpo e a sexualidade. A partir deste discurso preventivo, se operam as estratégias de normalização e uma ordem heteronormativa que marcam os desejos sexuais fora desta ordem como ilegítimos:

Ao tratarmos dos discursos sobre a AIDS, procuraremos refletir sobre uma história nunca contada: a da constituição subjetiva das sexualidades vigiadas. A própria busca febril por determinar uma gênese para a doença nos revela muito sobre as fantasias e os medos de uma cosmologia cultural própria do ocidente. A homossexualidade é o fantasma de uma cultura que se constituiu – desde pelo menos o terço final do século XIX – como sinônimo de heterossexualidade. (Pelucio e Miskolci, 2009, p 132).

Assim, as pontuações de Pelucio e Miskolci (2009) sobre a forma como a saúde pública lidou com a epidemia da AIDS convergem com o discurso da contemporaneidade, já que segundo as autoras, o processo ocorreu de maneira a originar uma bioidentidade à figura do aidético. Além disso, segundo as autoras, a forma contemporânea de ordenação, classificação e controle da sexualidade permitiu que:

Por meios agnósticos e ‘científicos’ – se mantivesse a crença em um antagonismo originário entre o desejo e a ordem social. Isto se deu pela eleição do homoerotismo como a grande

ameaça, de forma que – por meio de sua associação com um vírus mortal – assistimos à criação do maior pânico sexual da história contemporânea. (Pelucio e Miskolci, 2009, p.131).

É assim que, em função deste pânico sexual, vem ocorrendo uma politização dos indivíduos soropositivos, visando constituir um processo sutil de controle através da internalização da vigilância sobre o corpo e os cuidados com a saúde. Ainda de acordo com as autoras, a AIDS é quase um tema tabu entre as travestis, tornado impronunciável a não ser por meio de uma tática inventada de familiarização expressa na maneira como denominam a doença: “Tia Lili” ou simplesmente “Tia”. Esta observação remonta-me à instituição e à sua adesão maciça à expressão “Tia”. Todos aqueles que de alguma forma participam ou colaboram com seus cuidados, sejam os de fora ou “os de dentro” como os dirigentes e responsáveis pelo centro espírita, são por eles denominados “Tios”.

Pode-se sugerir que a associação entre os significantes “Tia, AIDS e pessoas cuidadoras” aponte para a truncada relação destes sujeitos com a alteridade (própria e alheia) e com a violência psíquica a que estão expostos. Os moradores geralmente dirigiam suas queixas a mim, individualmente, fora do grupo. Quase como um segredo, contavam-me de seus medos, inseguranças, angústias, raivas, tristezas, ansiedades. A direção mantinha certa indiferença em relação a estes afetos e parecia intimá-los a vivenciá-los sozinhos e sem grandes alardes. Há uma regra silenciosa no lugar estipulando que a dor psíquica deve ser tratada como algo natural e inerente ao processo de abstinência e adoecimento em que se encontram. Assim, nega-se a solidariedade e a alteridade.

Estes aspectos institucionais podem ser considerados de acordo com os parâmetros pós-modernos discutidos por Birman (2009). O autor esclarece que a autoexaltação exagerada da individualidade na contemporaneidade tem implicado na volatilização da solidariedade, em baixa enquanto valor. A solidariedade seria o correlato de relações pautadas pela alteridade e exigiria que o sujeito reconhecesse o outro em suas diferenças e singularidades. Mas, no

mundo contemporâneo, o lema é cada um por si, sendo este o cenário ideal para a explosão da violência. Segundo o autor: “Seria porque os homens são frágeis, finitos e mortais que eles precisam criar todos os artifícios para o tamponamento daquelas marcas que se materializam com os ouropéis da vanidade, da suposta autossuficiência e da onipotência.”. (Birman, 2009, p. 36).

A farmácia foi o primeiro lugar ao qual fui apresentada, fazendo-se notar sua relevância no cenário institucional. Há uma regra na casa que impõe obrigatoriedade do uso da medicalização para o controle da soro positividade, como também há o uso recorrente de medicação para depressão e ansiedade. A farmácia parece ser um instrumento de controle do sofrimento mental e uma espécie de poder da vida sobre a morte e a doença. Assim, a relação com a medicação na casa abriu novas possibilidades para uma reflexão sobre o discurso do dispositivo da AIDS<sup>2</sup> na contemporaneidade. Os fundamentos deste dispositivo se relacionam com o contexto histórico e com a forma como o intercâmbio entre as ciências sociais, a sociedade civil organizada e os saberes médicos atuaram no Brasil, (Pelucio & Miskolci, 2009).

Conforme explicam as autoras, este intercâmbio contribuiu para que nosso programa nacional de prevenção contra a AIDS se destacasse internacionalmente. No entanto, tal diálogo, sempre se manteve apoiado no discurso preventivo iniciado nos anos 80, ano do pânico sexual oriundo da criação da AIDS. As autoras explicam que desde então vivenciamos o “pós-aids”, ou seja, momento em que a eficácia do tratamento vem somada a campanhas que tentam minimizar o preconceito. O propósito do pós-aids é disseminar a percepção de que a AIDS não é uma doença que aflige apenas as pessoas de condutas “suspeitas”, mas se relaciona também àqueles que mantêm relações heterossexuais, familiares e monogâmicas.

---

<sup>2</sup> O dispositivo da AIDS, segundo Pelucio e Miskolci (2009) é um processo iniciado com a epidemia da AIDS em 1980 e que vem acarretando mudanças sociais profundas e configurando novos comportamentos na saúde pública ao enfatizar a epidemiologia e um discurso sobre a sexualidade moldado em padrões heterossexuais. Trata-se da biopolítica de corpos domesticados via instituições disciplinares, gerando a ideia de uma ideologia de moralidade da saúde e do corpo.

Mas isto tem feito com que novamente o pânico sexual originário seja disseminado, já que na luta contra o estigma há ainda uma ideia biopatologizante de que é preciso focar o cuidado e a prevenção em grupos, minorias e culturas sexuais dissidentes, denotando um discurso ainda reacionário sobre a sexualidade. Segundo Pelucio e Miskolci (2009), na atualidade, a AIDS perdeu o caráter de sentença de morte, sendo vista como uma doença crônica em que o soropositivo aparece menos marcado pelo pânico sexual e mais com o carimbo da soro positividade, em uma condição paradoxal em que não se sente nem doente nem sadio. É nesse contexto que se tenta separar os que não querem se cuidar daqueles que aceitam a condição sorológica e as prescrições disciplinares, pois: “Na atualidade, o discurso preventivo não se circunscreve somente à prevenção da aids; trata-se de um conjunto de normas, parâmetros e diretrizes que permeiam a visão médica, pautando condutas para os indivíduos evitarem agravos à saúde.” (Pelucio e Miskolci, 2009, p.127).

Desta forma, o discurso da instituição é convergente com o discurso pós- moderno, e determinados tipos de enlaçamento prevalecem perpassados pela violência e negação da alteridade. Certa vez, ouvi Lúcio reclamar de se sentir pressionado e temeroso diante da incumbência de assumir sozinho a liderança da farmácia e aplicar injeções de insulina nos moradores diabéticos sem possuir experiência para isto. Ele queixava-se da postura da instituição em obrigá-lo a assumir o risco por sua própria conta, colocando-o à mercê da própria sorte e culpa.

Diante do transbordamento afetivo em que se encontram os moradores da referida instituição desvelam-se suas condições de desamparo pela identificação maciça com a instituição., esta parece representar para eles a única “salvação” possível, no momento presente. Sobre isto, Maffesoli (1996) aponta que, vivenciamos na atualidade, uma passagem, ao mudarmos a forma de uma conotação ideológica dada pela identidade, para uma conotação

imaginária, a identificação, sendo a identidade uma característica da modernidade e a identificação uma característica da pós-modernidade:

Se antes nós podíamos, seguramente ter um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, isso já não acontece mais. Agora, o perfil é mutante, a profissão (quase) não existe, o projeto é ocasional e o futuro, incerto. O que vale é o presente (presenteísmo). (Maffesoli, 1996, p.303)

De acordo com o autor, a lógica da identificação aponta para a existência de um processo em que ocorreria um deslize da identidade rumo à identificação, mas a identidade não desaparece totalmente para ceder lugar à identificação. Segundo o ponto de vista Maffesoliano, estaríamos vivendo outra disposição em termos de vontade e de arranjo e esta seria uma marca da pós-modernidade.

### *3.3 - Rose e o discurso religioso: “Não basta cuidar de si, é preciso se doar também”.*

Seguindo as tramas discursivas da instituição, discutirei o enlaçamento estabelecido na instituição a partir de seu discurso religioso. O laço dos moradores com a biblioteca e o conhecimento se estabelece através deste discurso, visto a obrigatoriedade da presença diária nos cultos, o incentivo à leitura de livros espíritas e a reserva de um dia especial para assistirem semanalmente filmes com temáticas espíritas. Arribas (2008), ao fazer uma análise sociológica do espírito religioso, aponta que no campo do espiritismo, enquanto religião, a relevância dada ao conhecimento tem sua justificativa ancorada no pressuposto Weberiano denominado necessidade de teodicéia, ou seja:

Uma racionalização teórica voltada para a validação discursiva das propriedades e carências não só materiais, mas também simbólicas, associadas a um tipo determinado de condição de existência e de exposição na estrutura social, dependendo da posição social em que o grupo de indivíduos ocupa. (Arribas, 2008, p.184).

Baseados na necessidade de teodicéia, a instrução e o conhecimento tornaram-se para os adeptos do espiritismo o segundo de seus principais pressupostos e uma forma de salvação. Segundo a autora, na aquisição de um corpo de conhecimentos através da leitura e da erudição, o espírita encontrou, desde os seus primórdios, uma maneira de agir no mundo condizente com os hábitos do grupo letrado e em ascensão que lhe deu origem e que se tornou a camada social do espiritismo alcunhado de *mesa branca*. A instrução associava-se à forma em que se revestiam as práticas sociais e as crenças religiosas, pois era preciso um trabalho intelectual para reinterpretar e reconverter um estilo de vida para uma ética religiosa, transformando os crentes em seguidores de um conjunto de regras e normas. O que estava em jogo era a busca de salvação, e tal salvação representava a projeção no campo religioso das posições sociais de um grupo intelectual e letrado que deu origem à divulgação da doutrina no Brasil, em meados de 1800. Daí se pode compreender o trabalho intelectual e o empenho dos primeiros espíritas em escrever e publicar. Segundo a autora, Bezerra de Menezes foi o grande nomóteta do espiritismo, para quem o estudo e a caridade eram os principais tópicos da disciplina.

Tem-se, segundo esta doutrina, a possibilidade de salvação cumprindo dois princípios: amai-vos e instruí-vos, sendo que o “amai-vos” assumiu a forma das obras de caridade, as quais se tornaram um de seus traços marcantes e que iam desde auxílio material e amparos sociais até os trabalhos de desobsessão, nos quais o papel do médium e do doutrinador eram indispensáveis. Esta incorporação da virtude da caridade como meio de salvação, acarretou



duas consequências principais sobre os adeptos do espiritismo: intervenções no meio social e um tipo específico de organização burocrática e institucional, sendo que:

A apropriação subjetiva do sistema de pensamento espírita sob este arranjo peculiar que tomou a doutrina pode ser tida como um indício para melhor compreender porque o espiritismo hoje é uma religião cujo destaque recai sobretudo em suas inúmeras obras filantrópicas – uma das características que a distinguem no campo religioso brasileiro. (Arribas, 2008, p.187).

O Livro dos Espíritos (1999) afirma que um dos preceitos da religião espírita é considerar o egoísmo, o orgulho e a sensualidade como paixões que aproximam o ser humano da natureza animal, prendendo-o à matéria; aquele que consegue se desligar da matéria neste mundo, desprezar seus aspectos mundanos e amar o próximo se aproxima de uma natureza espiritual. Isto explica o discurso de Rose segundo o qual “*não basta cuidar de si, é preciso se doar também*”, pois a caridade é para o espiritismo uma virtude, sinal de generosidade, o oposto do egoísmo, considerado um sentimento mesquinho.

Ainda no Livro dos Espíritos (1999), discute-se que os espíritos pertencem a classes diferentes em questão de poder, inteligência, saber e moralidade. Existem os superiores, que se distinguem dos outros por serem perfeitos e estarem muito próximos de Deus e os inferiores, que são os inclinados à maioria das paixões humanas, como ódio, inveja, ciúme, orgulho e se satisfazem no mal:

Os espíritos não pertencem à mesma ordem. Todos melhoram ao passar pelos diferentes graus de hierarquia espírita. Este progresso ocorre pela encarnação, que é imposta a alguns como expiação e outros como missão. A vida material é uma prova que devemos suportar várias

vezes, até que tenham atingido a perfeição absoluta. É uma espécie de exame severo ou depuração, de onde saem mais ou menos purificados. (Kardec, 1999, p.20).

Há uma terceira classe de espíritos que, “não são nem muito bons nem muito maus, são mais trapaceiros e importunos do que maus e a malícia e a irresponsabilidade parecem ser sua diversão: são os espíritos desajuizados ou levianos.” (Kardec, 1999, p.19). É possível cogitar que a instituição assume o lugar de depositário para pessoas que se encaixam nesta terceira classe, que não têm lugar ou função na sociedade, que não são nem boas nem más, mas importunas, maliciosas, irresponsáveis e cheias de paixões pecaminosas, já que, em grande parte, além de serem homens se vestindo como mulheres, se prostituem e ainda consomem substâncias químicas. Desta feita, os moradores estariam ali depositados e receberiam todo o necessário para sua subsistência gratuitamente justamente para que não saiam. Sob esta vertente, tal posicionamento institucional desvela identificação e conluio com a segregação, o preconceito, a exclusão, a violência. É a instituição reproduzindo o social.

Segundo o discurso de Lúcio: “*Isto aqui é como um avião a jato que não decola, não funciona*”. Se a instituição se ancora na crença de que “o mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistindo e sobrevivendo a tudo.” (Kardec, 1999, p.18) e “o mundo corporal é apenas secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.” (Kardec, 1999, p.19), pode-se ir além do cunho de idealização presente no discurso de Lúcio e pensar que ela talvez nunca vá funcionar, pois não foi feita pra funcionar, e sim para que todos evoluam e atinjam um grau anímico mais elevado.

A doutrina espírita apresenta o homem como tendo duas naturezas, corpo e espírito; pela primeira, participa da natureza dos animais, é puro instinto e pela segunda participa da natureza dos espíritos, da alma. A alma é um espírito encarnado e o corpo o seu envoltório mais grosseiro. A morte, momento em que o espírito deixa o corpo, é apenas a destruição deste envoltório. Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo dos espíritos sendo que este

deve passar por várias reencarnações, resultando na crença de que todos nós tivemos inúmeras existências e ainda teremos muitas outras que nos aperfeiçoarão, tanto na terra como em outros mundos. A vida é uma prova que se deve suportar, devendo-se suportar também a dor, a doença e o desamparo como uma possibilidade de purificação.

O discurso da instituição ancorado neste cunho religioso aponta para o desamparo como fenômeno constituinte de sua *psique*, mas um desamparo propicia dor de ganhos secundários. É pela condição de doentes, errantes e inferiores que a casa pode se manter viva em sua missão de purificar seus moradores, salvá-los e se estabelecer as bases de seu discurso messiânico. Sem espíritos doentes e sofredores, a propósito de que existiria? Assim, a relação que mantém com seus moradores é alimentada pela ilusão de garantir-lhes a proteção contra o desamparo, não só nesta vida como em vidas futuras.

### 3. 4 - “*Tudo que me nutre também me mata*”: o discurso solidário da filantropia

Na introdução relatei sobre meu apaixonamento pela grupalidade e o quanto ele alimentou em mim a ilusão dos sentidos de *estar em grupo*. Neste momento, me detenho nesta questão e compartilho os sentidos desta ilusão, como lidei com ela e para onde me conduziu. Freud (1927) em seu belíssimo trabalho “*O Futuro de uma Ilusão*”, assim a descreve:

Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro, nem tampouco um erro. . . . O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. . . . As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis, ou em contradição com a realidade. . . . Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim, procedendo, desprezamos suas

relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação. (Freud, 1927/1969, p.43)

Ressalto aqui dois sentidos do conceito de ilusão na teoria psicanalítica, que apesar de divergentes, não se excluem. Segundo Freud (1927), a ilusão não dá valor à verificação da realidade, pois tem como seu componente principal a realização de um desejo. Em Winnicott (1990), é tratada como um espaço necessário, potencial e criativo. Segundo Winnicott (1990) a ilusão é um estado intermediário e fundamental entre a realidade psíquica e o mundo externo vivido nas primeiras experiências do bebê. Um bebê, a princípio não se distingue da mãe e vive em estado fusional com esta, crendo que o seio-mãe é parte dele mesmo (se a mãe apresentar condições psíquicas favoráveis para isto). Assim, não existem duas pessoas em relação nesta fase, mas, sim uma unidade em que ambos acreditam serem partes um do outro, cabendo à mãe alimentar a fantasia onipotente do bebê de que o seio que ele cria em sua imaginação é exatamente o mesmo que ela lhe oferece, dando-lhe a ilusão de que o mundo está sob seu controle onipotente. É esta experiência ilusória de onipotência, oferecida por uma mãe suficientemente boa, que vai permitir ao bebê a expressão de sua criatividade, pois ele cria a realidade externa conforme sua própria necessidade. Assim, o bebê acredita ao mesmo tempo criar a mãe e fazer parte dela, vivendo então um paradoxo cujo valor reside justamente em ser sustentado como tal, pois assim o ambiente-mãe pode lhe garantir uma atmosfera de confiabilidade.

Leite (2002), discutindo a relação sujeito-instituição, em convergência com o pensamento dos dois autores, relembra que o fenômeno que se constitui na relação sujeito instituição deve ser pensado como “uma busca de encobrimento da falta e do próprio desamparo do homem na sua relação com a vida.” (p.154). Um estado afetivo persecutório em nosso vínculo será ilustrado aqui em uma conversa com um morador e possibilitará pensar em um discurso da instituição. Enquanto conversávamos, ele fazia crochê, contando ter aprendido

na época em que estivera preso. Em determinado momento, pergunto-lhe se alguma vez já havia pensado em fazer do seu crochê uma fonte de renda ou se já havia ensinado algum morador. Ao que ele coloca que quem havia ensinado-lhe a fazer crochê na cadeia, também lhe ensinara uma lição muito importante: que nunca ensinasse o que sabia a ninguém, pois poderiam abusar dele e ganhar dinheiro às suas custas.

Impressionou-me profundamente sua desconfiança, pois não havia saída: ele tinha um ótimo recurso nas mãos, mas não podia usá-lo, pois estava amarrado pela fantasia de que todos ali lhe perseguiriam e trairiam. A partir deste dia, passei a questionar com mais constância por que naquele lugar permeava-se tanta persecutoriedade. Deveria haver algo acontecendo ali secretamente que escapava em suas condutas agressivas, temerosas e paranóicas. Esta coisa secreta pôde ser esclarecida quando pensei na postura da casa estabelecida pelo discurso da filantropia. Há, por trás da lógica filantrópica de bondade e boa vontade, um discurso autoritário e violento, que exacerba o desamparo e a persecutoriedade, pois favorece a instalação de um posicionamento submisso. Há, por trás da lógica filantrópica de bondade e boa vontade, um discurso autoritário e violento, que exacerba o desamparo e a persecutoriedade, e dependente, portanto paranoico diante do outro.

Nesta lógica discursiva, o sujeito usuário do serviço institucional está alocado em um lugar infantilizado como alguém incapaz de cuidar de si mesmo. Está exposto à mercê da boa vontade alheia e sob o risco constante da rejeição. Na lógica discursiva solidária da filantropia, aquele que dá e aquele que recebe estão em polos opostos, em que o que recebe é o impotente e castrado, enquanto aquele que dá é considerado como o detentor da força e da potência. Melazzo (2010) aponta que:

Assim como os antidepressivos trazem a falsa sensação de felicidade, pode ser que as ações do terceiro setor tragam a ilusão de que se pode fazer algo, de que o sujeito não está à mercê de forças maiores que ele mesmo, e, desse modo, busque apaziguar a sua dor. Nessa ótica, o

foco principal da ação seria o próprio eu, por meio da fuga da dor e da potencialização de si, enquanto o outro fica no campo da impotência e da castração. (p. 60).

A partir de minhas experiências contratransferenciais com o grupo, traços deste discurso se desvelaram e foi possível pensar sua lógica. Frequentemente eu sentia profundo mal estar no grupo. Penso que tal mal estar advinha de meu conflito frente ao lugar de pesquisadora-psicóloga-voluntária que ocupei e nomeei por “messiânico”. Desse lugar, eu estava oferecendo-lhes meus serviços voluntariamente. Percebi que isto facilitava nossa adesão à posição discursiva da lógica filantrópica, em que eu era aquela que lhes daria alguma coisa, mas levaria algo em troca (a pesquisa) e eles apenas os que receberiam, da posição inferiorizada de quem não tem nada a perder.

Entre o espaço de um encontro e outro, costumava sentir-me incomodada, com a impressão de não estar “trabalhando direito” e dando-lhes pouca atenção. Por duas vezes, cheguei bem antes do horário combinado para dedicar-lhes mais tempo. Eu me sentia sempre em débito com o grupo e em minha fantasia eu não era apenas a pesquisadora ali, mas alguém que havia entrado em suas vidas. Este incômodo e mal estar denunciavam todo o tempo meu laço ambivalente com a casa e a pesquisa, estabelecido entre o desejo de ficar e o desejo de partir.

Bion (1975) aponta que todo grupo se estrutura agindo sobre três suposições básicas que se alternam constantemente, diante das quais o sujeito permanece inerte identificando-se com uma ou com outra. São elas: luta e fuga, acasalamento e dependência. Todos estes posicionamentos permearam o grupo, mas o posicionamento predominante foi o de acasalamento. Quando reunido sob tal pressuposto, o grupo vive segundo a esperança de vir a ter um messias, um salvador, alguém idealizado e capaz de assumir as responsabilidades por tudo que acontece.

Em um grupo funcionando segundo o pressuposto da dependência, o terapeuta é colocado no lugar de líder com poderes mágicos para satisfazer as necessidades e desejos de cada um. Predominam a culpa e a depressão, as experiências grupais são sentidas como insatisfatórias, e as interpretações, como ataques. Já, quando um grupo funciona segundo o pressuposto de luta e fuga, segundo Bion (1975) predominam a ira e o ódio, pois há um inimigo imaginário contra o qual é preciso atacar ou fugir. Este posicionamento se adéqua ao que já foi apontado como o discurso solidário da filantropia presente na casa. Na instituição, os inimigos imaginários eram vários: a sociedade que os exclui, a doença, a morte, a família que os abandonou. Posso ter sido interpretada como um deles, pois ao insistir com a ideia da psicoterapia de grupo, assumi um discurso que exacerba o lugar do tratamento em saúde mental ou que sabe o que é melhor para o outro.

Subjacente a estas suposições básicas colocadas por Bion (1975), estão inscritos o ódio à aprendizagem e a tentativa de encontrar uma forma mágica de se viver, pois a frustração ou a dor inerente ao desenvolvimento são insuportáveis. Penso ter sido em busca de *uma forma mágica de viver* que investi na ideia da grupoterapia e que em um movimento contratransferencial de negação e resistência, não pude considerar a ausência de demanda e o fato de que talvez demandassem qualquer outra coisa que não a psicoterapia e que minha presença como psicóloga ali poderia não ser desejada ou estar sendo imposta por mim ou pela instituição.

Sentia-me constrangida e ambivalentemente omissa e invasiva, à procura de um lugar que não se definia, mas como alguém que iria prestar algum benefício a eles ou proporcionar-lhes bem-estar e melhorias ao criar um espaço para o trabalho psicoterapêutico. Em minha fantasia, o fato de serem portadores do vírus HIV e dependentes químicos, implicava necessariamente em demanda por psicoterapia ou, melhor dizendo, por mim enquanto psicóloga. Tendo em vista meu objetivo específico de discutir o enlaçamento psíquico entre

os moradores, relatarei a seguir excertos dos nossos encontros grupais. Neste relato, pretendo refletir como, em nossos embates transferenciais, desvelaram-se nossos laços e foram apreendidos aspectos importantes da mente institucional.



#### 4 - Embates transferenciais e contratransferenciais

Ao longo deste capítulo, apresentarei excertos dos dezesseis encontros realizados com o objetivo de prosseguir com a discussão sobre o desamparo e a pulsão de morte como constituintes de nossos modos de enlaçamento e da constituição da mente institucional. Relatarei a princípio, excertos dos dois primeiros encontros e neste caminho, contarei com o respaldo teórico de autores que me ajudaram a pensar a experiência vivida a partir da teoria psicanalítica: Bleger (1984 e 1995), Kaës et al. (1991), Leite (2002) e Nakasu (2006).

##### *4.1- Dois (des) Encontros Desveladores.*

Nosso primeiro encontro não aconteceu no dia marcado. Cheguei no horário combinado e fui recebida por uma das líderes, Alexandra, que diz não saber do combinado. Senti pouca disponibilidade para a conversa. Relembrei-lhe minha conversa com Alberto, ao que ela respondeu não ser possível, pois todos estavam em horário de faxina. Depois de um tempo de conversa, Rose se aproximou e confirmou que naquele dia e horário não seria mesmo possível. Acrescentou que o “Tio Alberto” não havia pensado direito ao me sugerir os encontros aos sábados e que talvez o melhor dia fosse o domingo, dia em que eles não “*tinham nada para fazer*”. Concordei, sem discussão, que os encontros seriam aos domingos. Ficou evidente o tom agressivo e impaciente muito diferente do primeiro dia e senti que propor os encontros aos domingos foi uma tentativa de me fazer desistir do trabalho. Elas contam-me, no final da conversa, que naquele dia havia acontecido um problema sério na casa e que por isto todos estavam bastante abalados.

No encontro seguinte, ao chegar à casa, deparo-me com Rose animada, pintando algumas prateleiras para a farmácia. A recepção estava em reforma e ela me convida para vê-la. Logo depois, sou encaminhada para falar com Jonas, que estava com uma lista dos interessados em participar da pesquisa. Vamos para o local combinado e o grupo se forma com dez moradores. O clima no grupo foi de apatia, silêncio e desânimo. Durante a conversa, eles me contam que o motivo do desânimo era o furto de um relógio ocorrido durante a semana e que estavam todos de castigo, proibidos de ouvir música, fumar, jantar e assistir TV. Eles contam que estes pequenos furtos eram motivos de constantes desavenças e acusações mútuas, sendo comum na casa a armação de “esquemas” de incriminação. Segundo eles, eram feitas reuniões na tentativa de possibilitar ao responsável assumir o erro e devolver o objeto, mas geralmente isto não acontecia e um inocente era responsabilizado. Assim, os problemas da casa não eram resolvidos, mas apaziguados à base da violência e punições de acordo com a regra instituída de que problema de um era problema de todos. Percebi que são todos ali transformados em um amontoado de seres santificados e culpados ao mesmo tempo, tomados como vítimas (e ao mesmo tempo algozes) de si mesmos, da pobreza, da doença, da dependência química e submetê-los a tais castigos funcionava como uma espécie de expiação.

Presenciei nestes dois primeiros encontros uma dinâmica de funcionamento violenta e vitimizadora. A meu ver, a frase “*tudo que me nutre também me mata*”, tatuada em letras garrafais no braço de Jonas, é emblemática para ilustrar isto. A meu ver, essa frase simboliza a força da pulsão mortífera da instituição (e de seus moradores) em seu sentido mais maléfico, e que se esconde em sua função acolhedora e nutridora. Leite (2002) esclarece que a identificação imaginária com a instituição indica a renúncia pulsional, ou seja:

A instituição pública atravessada por um desencantamento quanto aos ideais modernos produz, em contrapartida, no sujeito, algo como uma tendência a abdicar do polo desejante, em decorrência da identificação com estes ideais perdidos. A consequência é uma dificuldade

na reconstrução de novos investimentos libidinais, aglutinar os sujeitos em torno de um projeto comum. (p.156).

Abdicar-se do polo desejante em prol do ideário institucional em demasia leva ao empobrecimento psíquico. Esse movimento psíquico corrobora, do meu ponto de vista, para que a grande maioria ali faça uso de medicações antidepressivas. Percebi que alianças inconscientes faziam com que os laços fossem estabelecidos sob a força da idealização e da pulsão de morte em seu sentido mais maléfico. Isso me levou a um questionamento: de que maneira a filiação a ela pode oferecer alguma proteção contra o desamparo?

Para responder a esta questão, apoio-me no pensamento de Bleger (1995). Para o autor, uma instituição tende a se organizar em grupo como um conjunto de indivíduos que se constitui, organiza, funciona e interage no sincretismo ou em um nível de sociabilidade que se caracteriza por um tipo de relação que é uma não-relação, uma não-individuação, uma não-interação. Assim, em todo grupo há aspectos mais integrados que possibilitam a formação do eu grupal (ou da mente grupal como diria Freud), mas tais aspectos sincréticos precisam estar separados para que aspectos mais integrados possam prevalecer. O autor define grupo como:

Um conjunto de pessoas que entram em relação entre si, mas além disso e fundamentalmente, um grupo é uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação ou de sincretismo, no qual os indivíduos enquanto tais não tem existência e entre os quais opera uma transitividade permanente. (Bleger, 1995, p. 87).

O importante numa instituição é observar o grau de sincretismo. Seguindo esta linha de pensamento, para que um grupo se constitua, precisa ativar o sincretismo e seus sujeitos se adequarem às regras e normas. Em suma, todo grupo comporta em si a institucionalização e

necessita da clivagem de sua parte psicótica para que possa oferecer a ilusão de coesão e servir como proteção ao desamparo.

Bleger (1995) se ancora no pensamento Freudiano sobre a identificação e a idealização como a base desta ilusória coesão grupal. Nesta mesma perspectiva, Nakasu (2006), discute que este trabalho de Freud de 1921 teve como referência a segunda teoria das pulsões de 1920, que o levou a compreender o comportamento violento do indivíduo dentro do grupo e as condições que o grupo oferece para a exteriorização deste comportamento, identificando ali a atuação dos instintos de morte:

Ao descrever as tendências destrutivas inerentes aos grupos, Freud parece definir melhor o alvo das pulsões de morte. Como elas operam essencialmente em silêncio e, portanto, só podem ser reconhecidas quando dirigidas para fora, é a expressão da pulsão destrutiva que qualifica os efeitos mais acessíveis e manifestos de Thanatos. (Nakasu, 2006, p.50).

Isto por que, segundo a autora, a discussão freudiana nos esclarece que os instintos de vida têm mais contato com nossa percepção interna e produzem tensões cujo alívio é sentido como prazer; já os instintos de morte efetuam seu trabalho discretamente, em silêncio. Segundo a autora, a pulsão de morte nos grupos tem quatro alvos: o estrangeiro, outros grupos rivais, o ego e o próprio grupo, e é devido à magnitude do investimento libidinal no líder e nos colegas que ela se expressa em atos destrutivos dirigidos para fora, em outros grupos. Assim, é o investimento no outro fora do grupo que impede um incremento do narcisismo e a liberação da pulsão mortífera nos membros do próprio grupo. Mas quando o laço afetivo entre membros e líderes é abalado, o equilíbrio se desfaz e a destrutividade se volta para o interior do grupo. Em suma, a clivagem viabiliza nas três instâncias — sujeito, instituição e sociedade — a proteção contra a diferença e afetos dolorosos, atuando a favor da ilusão de coesão e oferecendo proteção ilusória contra o desamparo.

Porém, a vida institucional coloca os homens em situações de tensão, angústias e perigos específicos, pois se baseia na interdição do desejo, suscitando o desejo de transgressão (Kaës et al, 1991). Além disso, os conflitos entre os membros podem romper a barreira do consenso. Sendo assim, a vida institucional é também fonte de angústia, por tratar-se da associação de um desejo e uma defesa. Kaës et al. (1991) pontua que em função do inconsciente, nas instituições:

Somos confrontados com o pensamento de que uma parte o nosso Self está ‘fora de si mesma’ e que aquilo que está fora de si é o mais primitivo, o mais indiferenciado, a base do nosso ser, ou seja, tanto aquilo que, ao pé da letra, nos expõe à loucura e ao desapossamento, à alienação, quanto àquilo que fomenta a nossa capacidade criadora. (p. 2).

Segundo os autores, a instituição comporta um espaço ao mesmo tempo externo e interno a nós mesmos e isto denuncia um tipo de relação anônima, violenta e forte entre o sujeito e a vida institucional. Este correspondente externo de um espaço interno é o inconsciente e deve ser compreendido como o fundo irreduzível a partir do qual se organiza toda a vida psíquica, pois em uma instituição, o discurso se organiza em “redes de sentido interferentes, cada uma organizando de maneira própria as insistências do desejo e as ocultações de sua manifestação.” (Kaës et al., 1991, p.3).

Acredito que suas formas de vinculação se estabeleçam também em função da adesão maciça ao “projeto cura”. A idealização deste projeto parece exacerbar-lhes o temor às recaídas e as fantasias de desamparo e rejeição, posto que aumenta-lhes a impotência e a desidentificação com seus projetos pessoais de vida. Nesses dois encontros, percebi a força da clivagem na instituição. O silêncio, a submissão e a alienação às regras revelam a força sincrética do grupo, as insistências do desejo. Com a identificação maciça com o projeto cura,

o discurso ali é estabelecido em comum acordo com a violência, persecutoriedade, agressividade, racionalização, e, punições diversas. Sobre isto, Leite (2002) pontua:

Não há, de fato, qualquer via de superação completa do conflito estrutural que marca o sujeito, porém o que verificamos é que quanto mais fascinado (apegado) por seus objetos (neste caso, seus ideais), maior a dificuldade de viver o luto e de reconstruir a realidade. O tempo se paralisa. A temporalidade algemada no cotidiano é alienação no sujeito. O que se aliena é a produção desejante, motor da criação, produzindo-se um certo vínculo institucional impossibilitador da dúvida e da inventividade. Isto é, a identificação com o instituído faz prevalecer a resistência no sujeito que impede o encontro com o estranhamento e, conseqüentemente, com aquilo que inquieta a vida tornando-a viva. (p. 156).

#### *4.2- Um escudo protetor para o desamparo.*

Psicose, dependência química, travestismo e AIDS dão um tom caótico e bizarro ao lugar. O que à primeira vista causa incômodo e estranhamento, se olhado mais de perto, é o que confere ao lugar o sentido de um abrigo para pessoas doentes e abandonadas. Senti-me inconformada e revoltada diante da indiferença com que todos lidavam com o sofrimento psíquico, mas eu reagia a isso com estranha solicitude. Durante todo o tempo que lá estive vivi fortes impressões. Uma delas era de que os moradores não se vinculavam, mas ao mesmo tempo se uniam contra qualquer pessoa ou ideia que desarticulasse a fantasia de que ali estavam salvos; salvos da sociedade que os exclui, de si mesmos, de seus desejos mortíferos? Por viverem na instituição se sentiam protegidos contra o mundo e o estigma? Eu sentia-os também desvinculados entre si e do mundo externo. Eu quase não notava demonstrações de

amizade e a relação com os dirigentes era sempre tensa. Notei que os vínculos com outras instituições sociais não existiam.

A instituição em questão ilustra a afirmação blegeriana sobre a tendência institucional de adotar a mesma estrutura dos problemas que enfrenta. Ela pode ser interpretada como um não-lugar ou um lugar de passagem, de trânsito, sustentado pela ideia paradoxal de cuidar dos moradores e abandoná-los à própria sorte. E os moradores, com seus constantes chegar e partir também vivem este paradoxo, entre o se cuidar e o se abandonar, a rua e o abrigo, a saúde e a doença. Parece que permanecer na casa implica negar e admitir, ao mesmo tempo, a vida e a morte, a saúde e a doença. Mas encarar a doença é arranjar um lugar dentro de si para aquilo que se quer negar, como a exclusão, a estigmatização, a dependência, a dor psíquica. Paradoxalmente, permanecer ali indica também negar a morte, no sentido do que representa o luto para Freud (1914/1915) como o apego da libido a seus objetos e a incapacidade de renúncia aos mesmos. Na instituição nega-se o luto e a perda, pois a vida é re-configurada por um saber normatizador sobre a melhor forma de usar o corpo, a sexualidade, o tempo. Viver na instituição implica necessariamente institucionalizar o desejo e o corpo. Quanto a isto, cito novamente Leite (2002) ao colocar que:

A vivência e a superação do luto pela perda das coisas criadas, construídas e, portanto, amadas é tão mais difícil quanto mais nos identificamos, imaginariamente, com elas; isto, porque, aqui, supõe-se um objeto capaz de suprir, definitivamente, o desamparo humano. Nega-se, portanto, a precariedade do objeto, nega-se, em última instância, a morte. (p. 153).

Segundo esta perspectiva, sair dali também teria suas consequências psíquicas. Representa o abandono do tratamento medicamentoso, do projeto cura, do cuidado com a saúde; um des-abrigar-se e expor-se ao prazer mortífero do consumo de drogas. Por outro lado também, implica em um des-obrigar-se de um laço mortífero, sustentando por uma lei

absoluta, autoritária e violenta. Sendo assim, em seu movimento pulsional, tanto o desligamento quanto a ligação à casa, são expressões das pulsões de vida e de morte, de cuidado e abandono de si mesmo. Permanecer na casa não implica tão simplesmente uma opção pela vida (como todos costumam repetir), assim como não permanecer também não implica apenas o autoabandono, mas uma tentativa de autogestão. Como argumenta Bauman (1999), em tempos pós-modernos, a imortalidade torna-se tão extingüível como a própria vida.

Assim, a hipótese de que a instituição funcionaria para o sujeito como *uma grande máquina mental* pode novamente ser discutida. A mente grupal-institucional e o investimento libidinal nela trabalhariam no sentido de promover uma espécie de borda psíquica para conteúdos afetivos dos moradores que transbordam diante da ausência de um aparelho psíquico eficaz que os contenha. Tal borda se estabelece a partir da ilusão de coesão e das satisfações narcísicas que a vida institucional e em grupo assegura. Importante salientar que esta contenção não promove nenhum tipo de reparação psíquica, pois se encontra a serviço da pulsão de morte em seu sentido mais maléfico.

Sempre que um morador regressava para a instituição após uma recaída, a reação mais comum era a reclusão e a recusa ao contato, permeada por intenso sentimento de culpa e arrependimento, algumas vezes manifestados para mim em momentos isolados fora do grupo. A AIDS e a dependência química, aliadas ao projeto cura, estipulam aos moradores os limites da culpa e da vergonha como forma de lidar com os conflitos. Sendo assim, a instituição trabalharia, num primeiro momento, no sentido de fornecer borda e proteger o sujeito contra o excesso de excitação, que é projetado nela. Entretanto, seguindo minha hipótese, este “trabalho” estaria fadado ao insucesso.

Apesar de não discutir sobre a vida institucional em *“Além do Princípio do Prazer”*, Freud (1920), discute que a relação do sujeito com o desprazer advindo das tensões é



paradoxal, levando-o a repetir tais experiências desprazerosas, em atitudes estereotipadas e repetidas. Assim, Freud (1920) se referiu à eterna compulsão à repetição estabelecida pela pulsão de morte. No presente caso, é ela que impede que algum tipo de reparação psíquica seja efetivado. Narcisicamente, os moradores se livram da tensão e conseqüentemente, se livram também da vida. Penso que viver em uma instituição representa o momento em que o sujeito precisa de um lugar como um escudo protetor contra seus próprios afetos, e um local para depositá-lo. Freud (1920) discute isto, discorrendo sobre o fenômeno da projeção e afirmando que o sujeito adota uma maneira específica de lidar com as excitações internas que produzem aumento demasiado de desprazer, tratando-as como se atuassem pelo lado de fora.

O sujeito utiliza-se da instituição como uma espécie de escudo psíquico que opera como uma defesa contra estímulos desagradáveis, mas que ao mesmo tempo, lhe impede de entrar em contato com o que há por trás de seus *modus vivendi* mortíferos. *“Lá fora é a morte, aqui dentro é a vida”*. *“Eu ando bem mais tranquila, me agarrei com Deus esta semana e me ajudou muito. Eu estava muito reclamona. Tudo o que tem pra fazer agora, eu vou lá e faço e pronto, sem reclamar”*. *“Somos um baú cheio de coisas velhas”*. *“É assim, o tio Alberto que decide. Ele não está errado. Errado é quem faz isso e não assume, senta na mesa com a gente, come com a gente, é complicado. Eu acho que aqui é ótimo, o problema são as pessoas”*.

Apesar destes discursos aparecerem como queixas, percebe-se neles um tom de conformismo e o jogo pulsional sadismo-masochismo se evidencia. Estes posicionamentos paradoxais desvelam também o desejo de fusão com a instituição como objeto causa-dor de alívio. O sujeito encontra na instituição um lugar para depositar seu mal estar e seus conflitos, mas o que se estabelece é apenas o apaziguamento da dor psíquica sob uma nova forma de repetição, pois, ao mesmo tempo em que a instituição se abre para a diversidade, se defende dos ataques projetivos todo o tempo, contra-atacando e instituindo punições violentas.

No funcionamento psíquico desta instituição, parece prevalecer a crença na ideia de que viver em estado fusional e de dependência (psíquica e material) favorece segurança e proteção contra o terror da vida nas ruas e do abandono. Isto faz com que a casa se assemelhe a um lugar essencial para a sobrevivência e para o cuidado, mas que aos poucos se revela ambivalente, pois a rotatividade é constante. A crença na benevolência institucional é frustrada rapidamente. Assim, os conflitos entre moradores e dirigentes presenciados por mim denunciaram o processo repetitivo e mortífero, inconsciente e consciente, entre sujeito e instituição.

Enriquez (1991) discute que as instituições revelam seu caráter paradoxal como lugares pacificados por um acordo mediador de um projeto coletivo, mas que colocam em relevância o problema da alteridade, ou seja, “da aceitação do outro enquanto sujeito pensante e autônomo por cada um dos atores sociais que mantém com ele relações afetivas e vínculos intelectuais.” (p.53). Estes processos não se estabelecem sem violências ou sacrifícios de partes vitais da *psique* e empobrecem e enrijecem o psiquismo institucional. Desta forma, percebe-se que, na casa, modos de funcionamento pela clivagem, identificação e idealização acometem seus sujeitos e os levam à repetição de condutas alienadas, homogêneas e acima de tudo, culpadas.

Poli (2005), discutindo o trabalho freudiano “*O Mal Estar na Civilização*” explica que lá onde a dupla face da lei representa o retorno do pai, estabelece-se a culpa coletiva como algo que organiza o social a partir da internalização dos impulsos agressivos. Assim institui-se a figura do ideal do eu como a mantenedora da ligação libidinal entre os membros. “A culpa – supereu coletivo – é conforme Freud, o representante psíquico da pulsão de morte e o laço libidinal o representante da pulsão de vida.” (Poli, 2005, p. 27). Segundo a autora este processo se dá tanto no indivíduo como na coletividade pelo medo da perda do amor ou pela

angustia social e a punição decorrente disso. A diferença é que nas expressões da cultura, o supereu é mais violento e a culpabilidade se acentua.

Laplanche e Pontalis (1992) esclarecem que Freud (1920) em “*Além do Princípio do Prazer*”, com a hipótese da pulsão de morte, atribuiu ao termo *ligação* uma significação mais complexa, como o fundamento da compulsão à repetição, fazendo dela a própria marca do pulsional e aproximado-a das próprias leis que regulam o desejo e a estruturação das fantasias inconscientes. A partir da hipótese da pulsão de morte, a energia livre deixa de ser apenas uma descarga de excitação e passa a ser a “circulação ao longo de cadeias associativas de representações, implicando ‘laços associativos’ e a ligação ‘torna-se a característica principal’ das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte.” (Laplanche & Pontalis, 1992, p.272). Sendo assim, no pensamento Freudiano o laço psíquico é aquilo que faz a mediação entre as forças pulsionais de vida e as de morte.

Por outro lado, a pulsão de morte tem um papel vital na vida institucional, pois pode gerar-lhe efeitos benéficos e atuar a serviço da pulsão de vida, visto que pode romper com ligações muito fortes ou autoridades rigidamente estabelecidas. Nesta linha de pensamento, Enriquez apud Kaës et al. (1991) coloca:

É quando o homem enfrenta suas inconseqüências, incoerências, contradições, conflitos e seus fracassos, quando vive a experiência de cair no des-cer mortífero, quando há caos nele, é que poderá dar a luz a uma estrela dançante, parafraseando o poeta. Sem o trabalho da morte, seria difícil o homem desfazer vínculos e provocar rupturas em si. Todo trabalho sobre si é um trabalho doloroso em que o homem toma consciência daquilo que perde sem estar seguro de ganhar algo em troca, sem poder compreender, se for este o caso, o que está ganhando. (Enriquez, 1991, p. 78).

*“Por que Deus colocou o poder no homem para construir e ele usou para destruir?”* pergunta ao grupo, certa vez, Meire, em um de nossos encontros. Meire julgava os demais moradores como aqueles que não suportavam “serem bem tratados”. Segundo seu ponto de vista, ela era fina, educada e se tratava bem. Além disso, possuía em sua personalidade características advindas de sua convivência com as travestis, como amizade, solidariedade, feminilidade e vaidade, o que causava inveja nos demais moradores. Em função da inveja, sentia-se angustiada e afastava-se do contato, entendendo que alguns moradores queriam destruir sua capacidade de permanecer na instituição, enquanto ela queria construir sua vida novamente. Tudo isto transformava sua relação com os colegas em constantes conflitos, tornando-a uma moradora-problema. Entretanto, lhe garantia proteção por parte das moradoras travestis, com as quais se identificava, denotando seu desamparo. Discutindo a questão do desamparo sob o vértice da teoria da pulsão de morte, Birman (2009) coloca que a teoria da pulsão de morte, ao admitir a existência de uma modalidade de pulsão não representável e impossível de satisfazer-se por intermédio dos objetos, fornece as bases para se pensar na posição do sujeito desamparado. Esta posição, segundo o autor, é insuperável, de ordem originária e marca a subjetividade para sempre.

#### *4.3- Pesquisa e ilusão: nas tramas do desejo.*

Em outro encontro, chego com meia hora de atraso. A coordenadora diz que estiveram esperando a manhã toda e que naquela hora iriam servir o almoço e não poderíamos mais conversar. Sugiro voltar mais tarde e assim ficamos combinadas. Dois membros assíduos nos encontros se encontravam por perto e ouviram minha conversa com a orientadora, percebendo meu embaraço. Na saída, um deles, Sr. Ernesto, se aproximou e me mostrou o braço machucado pela mordida de um cachorro, relatando a intensa dor que sentia. Vivian também

se aproximou e relatou não estar bem e que precisaria muito conversar comigo *naquele momento*, que era uma pena eu estar indo embora. Diante disto, senti-me mal e culpada pelo atraso.

Na semana seguinte, o sadismo novamente se evidenciou. Lara contava entusiasmada no grupo sobre sua vida passada, sobre as muitas obrigações que tinha na casa, tentando ressaltar suas boas características de líder. No mesmo momento, Sr. Ernesto a interrompeu rindo e disse: “*conta pra ela dos homens de boné*”. Os homens de boné a que ele se referia era a polícia. Isto fez com que ela mudasse seu estado de humor, ficando entristecida e angustiada ao me relatar a contragosto o período de mais de um ano em que esteve presa e todo o sofrimento advindo disto.

Em outro momento, apenas Henrique vem ao grupo. Gustavo passa pelo local onde nos encontrávamos e, percebendo a ausência de participantes, diz-me em tom jocoso: vou aí participar e vou ser o psicólogo para cuidar de você! Senti-me sem recursos para lidar com a situação. Já em um dos encontros em que conversávamos sobre os problemas dos líderes nas casas, perguntei quais eram seus maiores problemas. Juliano responde: “*teimosia*”. Lucio explica melhor:

*São as pessoas que pensam de jeito diferente. As pessoas chegam aqui querendo impor suas regras, mas deviam deixar seus problemas e suas regras do lado de fora. Lhes faltam bom senso para entender que a regra aqui é outra. Aqui tem que funcionar para todo mundo do mesmo jeito. (Lucio).*

Em suas práxis cotidianas, eles executam diversas tarefas juntos e apresentam divergências quanto às maneiras de executá-las. Por exemplo, quando algum morador não realiza a limpeza satisfatoriamente, a liderança responsabiliza toda a equipe e exige que esta seja feita novamente. Isto gera conflitos e acusações mútuas, pois a maioria não quer

participar, alegando não ter responsabilidade pelo problema. Em função disto, arranjaram um apelido para tais sujeitos: “Jamelão”. O apelido ganha sentido se pensarmos no aspecto simbólico, pois Jamelão é uma árvore cujo fruto possui uma coloração roxa que deixa manchas onde encosta - mãos, roupas, tinturas de carros, calçadas - e por isto é pouco indicada para uso em espaços públicos.

Nesta perspectiva, um morador-jamelão manchava a reputação dos demais moradores e destruía-lhes a moral com a direção da casa. Assim, o lema institucional *um por todos, todos por um* sempre cai por terra, apesar do esforço por parte da direção na criação de um clima de amizade, solidariedade e cuidados mútuos. A maioria se queixa do outro, como fonte de angústia, ansiedade, mal estar. Ao mesmo tempo, a instituição é vista como tábua de salvação.

Outras questões transferenciais foram relevantes. Desde o início, optamos por não fazer uma pré-seleção para a participação no grupo, pois assim alguns seriam excluídos, e decidimos juntos que o grupo seria aberto. Porém, o caos causado pela constante rotatividade e a presença de alguns sujeitos com comprometimentos psíquicos graves, dificultava o andamento e gerava impaciência em alguns membros que deixavam o grupo tão logo os mais comprometidos começavam a falar. Assim, a diversidade sintomática e a recusa em fazer a seleção para o grupo foram fatores complicadores. Por um lado, a relação do grupo se estabelecia apenas comigo e, entre eles quase não havia interação. Referiam-se a mim como uma espécie de professora ou aquela que teria alguma solução mágica para seus problemas. Várias vezes pediam explicações sobre como se contrai o HIV, em movimentos psíquicos de intensa racionalização.

Eu também era frequentemente procurada para atendimento individual. Por outro lado, eu me relacionava com eles objetivando realizar o grupo psicoterapêutico e isto minava outras possibilidades de intervenção. Eu me sentia em conflito com os lugares de pesquisadora e psicóloga e procurava discriminar os melhores momentos e situações para funcionar ora como

uma, ora como outra, como se isto fosse possível. Acredito que este tenha sido um movimento psíquico importante para o estabelecimento dos impasses na pesquisa, como também meus sentimentos de impotência e de vacuidade no grupo.

A contratransferência denunciava, por um lado, o lugar messiânico e violento em que me coloquei e fui colocada pelo grupo. Por outro lado, denunciava o desamparo dos moradores e suas relações de dependência comigo e com a casa. Compreendi também, a posteriori, que meu desejo de montar o grupo psicoterapêutico desvelava a força de minha idealização e, enfim, que, no grupo, tentei, inconscientemente, fazer valer minha grande ilusão.

#### *4.4- O início do fim da ilusão: o grupo de líderes*

A partir do décimo encontro, imaginei que se eu conversasse apenas com os líderes das casas teria um grupo mais coeso e apto ao trabalho psicoterapêutico. Para a montagem do grupo de líderes procurei Rose e expliquei-lhe a minha proposta. Relato a seguir a nossa conversa.

*Há um choque de opiniões aqui e por isso não se pode colocar alguns para trabalharem juntos. E também são uns querendo pegar os maridos dos outros; este é um problema na casa, quase não tem mulheres e quase todos os homens estão casados. Aqui a pessoa tem que respeitar o espaço não só de coisas materiais. O presidente vive tentando contornar esta situação; geralmente ele dá um ultimato e se não melhorar a pessoa vai para fora. Para ter um relacionamento íntimo aqui tem que ter autorização e, para ficar junto, tem que casar. Há muitas coisinhas aqui. (Rose).*

Eu respondo que, por causa destas coisas, seria interessante conversar com os líderes separadamente e ajudá-los a pensar em como lidar com elas.

Rose: *“Acho que você precisa fazer um grupo separado para os casais. Os casais e os solteiros têm que ficar separados”*.

Percebo que as questões que imperavam na casa se relacionavam à sexualidade. Sem me atentar à resposta de Rose, começo a pensar sobre como a casa lidaria com a sexualidade das travestis, pois as moradias masculinas e femininas eram separadas, assim como a moradia das travestis. Porém, presenciei um casal formado por uma travesti e um homem morando juntos na mesma casa com um casal heterossexual. Percebi que ali não há uma regra muito rígida ou uma excessiva culpabilização pela sexualidade (o que também pode favorecer seu longo tempo de sobrevivência). Vê-se a expressão de uma sexualidade velada e ao mesmo tempo, explícita, regida pela ambivalência proibição-legalidade e que se escancara com as travestis. Segundo Birman e Serra (1988), no dispositivo asilar moderno, se esboça uma nova reordenação da totalidade do asilo. O exercício da sociabilidade torna-se fundamental e as trocas sociais são estimuladas como medida terapêutica, o que produz o aparecimento da sexualidade com mais força entre os internados. Mas neste campo reordenado permanece a proibição, surgem novas modalidades para a instituição do interdito, sendo que a violência continua sendo uma das medidas inevitáveis.

Finalizada aquela conversa, definimos que eu faria os encontros com os líderes. No primeiro encontro, vieram todos os líderes das casas: Lúcio, Juliano, Henrique, Alexandra e duas outras novas na casa, Lizete e Fernanda. Alguns ainda não haviam participado dos encontros, e três eram substitutos de líderes que se encontravam em “saidão”, como costumavam nomear as saídas mais prolongadas a que tinham direito. Lizete começa contando sua história: *“É só você ver o meu caso. Antes e agora. Há 16 anos que venho para*



*cá e saio. Antes eu vinha só para ganhar uma carninha e vazar de novo. Agora não, estou conseguindo ficar”.*

Sugiro que todos falem sobre seus lugares enquanto líderes e me contem como foram escolhidos. Explicam que foram escolhidos pela coordenadora, que a escolha poderia também ser feita pelos próprios moradores e que para ser líder era preciso não levar os problemas para a coordenação. Pergunto-lhes sobre quais seriam estes problemas, e eles respondem ser a teimosia, a divergência de opiniões, a falta de bom senso e de “simancol”. Que o jeito lá era segurar as coisas só para si, não brigar, “engolir sapo o tempo todo”. E que havia ali algumas pessoas que não se encaixavam no ambiente.

*Tinha que sair da diretoria uma ordem que obrigasse as pessoas a mudarem. Por que elas acham que vão chegar aqui e continuar sendo o que eram. Há uma impunidade aqui. A diretoria tinha que dizer assim: você não vai roubar nada aqui dentro, você não é o machão aqui dentro. Sou chamado de perfeccionista, mas eu não quero ser o certinho aqui dentro, mas o certo é todo mundo ceder um pouquinho. (Lúcio).*

*Aqui dentro somem muitas coisas. Esta semana mesmo sumiu um lençol na minha casa, onde somos sete, conta de mentiroso. Com tom reclamativo diz que ali não é ruim, que o tratamento é bom, mas que uns não dão certo com outros. Conta que certa ocasião roubaram-lhe o celular e isto deu uma enorme confusão. (Juliano).*

*“Eu contorno os problemas aqui dentro procurando resolver tudo da melhor forma possível sem levar para a coordenação.” (Henrique).*

*“Mas alguns têm prazer em fazer confusão.” (Lizete).*

*“É difícil viver aqui por que há coisas e pessoas com quem você não pode falar nada, que ocupam cargos e se você falar é expulsa.” (Alexandra).*

*É muito difícil entrar em acordo dentro de minha casa. Eu acho que devíamos nos reunir também com os outros moradores; eu vou chamar os da minha casa. Acho também que devíamos chamar a coordenação, mas também acho que eles não viriam e que não adiantaria nada falarmos com eles.* (Henrique).

*“Se a coordenação vier, virará um problema, por que vai ficar parecendo que estamos fazendo algo escondido aqui dentro.”* (Lúcio).

Ao final, todos concordaram em não chamar a coordenação e que deveríamos fazer também encontros com os outros moradores para discutir os problemas ocorridos durante a semana. Todos estavam animados com a ideia e disseram que no próximo encontro viriam para organizarmos melhor a proposta, “pois as coisas conversadas ficavam mais bem entendidas”.

Analisando este encontro, a animação e a disposição para o trabalho percebi que fomos impregnados novamente pela ilusão de que os problemas ali poderiam ser “tratados e resolvidos” e que para isto bastariam uma nova ideia, uma nova regra ou uma nova “roda de conversa” com a psicóloga. Enriquez (2005) tem algo a dizer sobre isto:

Cada homem tem a nostalgia dos primeiros momentos de sua vida a qual era totalmente balizada. Ora, a vida em comum é perigosa, tumultuada, ela destrói continuamente os pontos de referência, propõe sempre novas aventuras. Então, no que se agarrar? A ilusão vem, então, em socorro dos indivíduos, favorece suas confirmações, enche o vazio que os ameaça, dá uma resposta à sua miséria. Ela lhes diz que eles foram criados, protegidos por um ser fora do comum . . . . Esta pessoa central, este pólo idealizado, assegurará, assim, ao conjunto da comunidade, sua potência ou, ainda, sua onipotência. (p.166).

No segundo encontro, deparo-me com Henrique na entrada descascando laranjas. Ele dirige-me a palavra de forma irritadiça, contando que o pastor está na casa cantando e orando com os moradores. Ele me pergunta: “*Como faz, heim?*”. Digo-lhe que não se preocupasse, pois viriam para o grupo apenas os que quisessem. Notando seu incômodo, retiro-me e vou para nosso local de encontro. Encontrei Alexandra, que me diz não haver ninguém disposto a participar. Logo aparece Henrique, preocupado, tentando encontrar uma solução para o impasse.

O grupo se formou comigo e Henrique, que veio para contar que os demais não queriam participar. Sendo assim, o grupo com os líderes não se efetivou. Henrique, com sua fala doce e tom de voz baixo e delicado, se mostrava sedutor e prestativo ao contar que ninguém quis se envolver e que melhor seria deixar as coisas como estavam. Assim, sempre que alguma ideia nos aproximava da possibilidade de pensar, um boicote acontecia. Desta vez, o boicote efetivou-se pela evasão, como uma negação à proposta de trabalho. Freud (1925) lembra-nos que negar algo não é nada mais nada menos que um modo de afirmar tal coisa. Em seu trabalho de 1925, *A Negativa*, Freud esclarece:

O conteúdo de uma imagem ou ideia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. Podemos ver como, aqui, a função intelectual está separada do processo afetivo. Com o auxílio da repressão apenas uma consequência do processo da repressão é desfeita, ou seja, o fato de o conteúdo ideativo daquilo que está reprimido não atingir a consciência. O resultado disso é uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, ao passo que simultaneamente persiste o que é essencial à repressão. (Freud, 1925/1969, p. 295).

Na semana seguinte, o grupo formou-se espontaneamente e realizei o encontro com aqueles que vieram. Henrique apresenta-se novamente como o porta-voz e explica o fim do grupo de líderes. Segundo ele, não havia vantagem nenhuma em ser líder, pois tudo que se dizia ou fazia poderia ser usado contra a pessoa, comprometê-la e gerar problemas. Ele aprendeu, com isso, a ser cada vez mais reservado e a resolver os problemas da casa onde era líder sozinho, sem levá-los à coordenação. Isto foi consenso entre todos eles. A conversa girou em torno da “maldade” de alguns moradores que, segundo eles, gostavam de ver o circo pegar fogo. Do meu lado, ao perder a possibilidade de trabalhar com os líderes, imaginei estar perdendo uma oportunidade valiosa para o trabalho psicoterapêutico. A demanda de morte a que me sentia submetida era cada vez mais insuportável e a vontade de interromper o trabalho era muito forte. Por isto, decidi mudar a forma de intervenção, que apresento a seguir.

#### *4.5 - “Até hoje”? O jornal e a derradeira desilusão.*

No decorrer do trabalho e desta escrita, percebi o quanto era intenso meu desejo de cuidar do sofrimento daquelas pessoas. Assim, ao propor montarmos um jornal com poesias, desenhos ou quaisquer tipos de produção gráfica, a intenção foi formar um grupo mais coeso, com objetivos claros e definidos a partir de uma tarefa para que eles pudessem expressar livremente seus afetos. Alguns dias antes, eu havia apresentado a proposta do jornal a Alberto, levando-lhe um modelo de jornal confeccionado por outra instituição. Este se interessou e se comprometeu a participar e a ajudar na parte prática da confecção, com a impressão e fornecimento de papel e a procurar patrocínio para que pudessemos lançar uma quantidade de números maior. Alberto não compareceu no primeiro dia e não cumpriu com seu compromisso no final.

No dia em que começaríamos a tarefa, cheguei e encontrei o ambiente tumultuado. O grupo se formou a princípio com seis pessoas. Ao expor-lhes minha ideia, Lúcio apresentou muita resistência, comentando que seria muito difícil conseguirmos as coisas lá dentro e que eu teria muita dificuldade com os próprios moradores. Ele diz sentir pena de mim pelo trabalho que eu teria, mas que, se eu conseguisse, seria vista com muito bons olhos por todos e complementa: *“Aqui ninguém tem cabeça para fazer nada em conjunto, todos estão muito voltados para si mesmos, tentando dar conta das coisas pessoais”*.

Enquanto ele falava, Vivian e Lucimar conversavam sobre as poesias que escreveram no CAPS – AD. Outros dois novos moradores chegaram. Vivian e Gustavo escreveram uma poesia e me pediram para lê-la em voz alta. Lúcio de repente ficou ansioso por apresentar suas ideias, não parava de falar e não permitia que ninguém mais falasse. Ele propõe a criação de um espaço no jornal para comentários em tom humorístico sobre o cotidiano, contando sobre as coisas engraçadas que lhes ocorriam. Gustavo comenta que ele era o cara bom de português. Sandra chega e resolve participar escrevendo também sua poesia. O clima foi de entusiasmo e empolgação por parte de todos. Sinto-me disposta. Ao final deste encontro, alguns me pedem papel em branco e dizem que irão trazer coisas escritas para o próximo. Muitos ficaram ao redor do grupo e não participaram.

No encontro seguinte, deparo-me com outro estado mental na casa. Na entrada, encontro Sandra que me diz se sentir entristecida e deprimida em função do adiamento de sua cirurgia. Conta-me que seu papel ainda estava branquinho e que não tivera vontade de escrever nada. Qualquer estado de tristeza ou desânimo era considerado por eles como depressão. Henrique me adianta que naquele dia todos queriam ver o jogo e ia ser difícil conseguir levá-los para o grupo. Meire estranha o horário que cheguei e, mesmo sendo o de sempre, pergunta-me o motivo do meu “sumiço” (eu havia faltado na semana anterior). Sr.

Ernesto pergunta-me meu nome, dizendo ter esquecido. Estranhamento, desdém e distanciamento deram o tom do contato comigo neste dia.

Seguimos para nosso local dos encontros. Henrique se senta distante e demonstra tristeza. Fábio me dá um chocolate. Meire comenta sentir-se mal por causa de “palavras mal faladas” para ela. Acha que Fábio está querendo me engordar por me dar o chocolate. Lucimar comenta, com arrependimento, sobre sua saída da casa e pede para eu não perguntar sobre o fato. Muitos chegam e se sentam distantes, olhando de longe. O grupo se forma com vários moradores, e Meire nota a grande quantidade de gente neste dia.

Vivian, ao me ouvir falar sobre o jornal, pergunta: “*Até hoje?*”. Sinto-me incomodada com sua pergunta. Percebo que nada permanecia entre eles e que duas semanas foram suficientes para matar a ideia. Procuro contar aos novos o que fizemos no encontro anterior, tentando coordenar o trabalho. Percebo que todos estão ansiosos, e a minha sensação é de que me colocara numa situação limite, em que eu teria que encontrar uma saída e que talvez eu os estivesse aumentando a angústia. O que havia acontecido com o entusiasmo do encontro anterior? Minha frustração foi grande diante da pergunta de Vivian. Penso que o tom de indiferença neste dia se relacionava a uma série de fatores: a minha ausência na semana anterior; a iminência do fim da pesquisa, pois restava pouco mais de um mês para nossa separação; a seus estados de angústia e minhas constantes mudanças de estratégia. Penso que tudo isto exacerbou-lhes o desamparo, e o ódio e a indiferença foram recursos defensivos.

Nos quatro encontros que se seguiram, permaneci com a proposta da feitura do jornal. Levei material gráfico e papéis diversos. Eles desenhavam, colavam e escreviam o que queriam. Íamos colando seus trabalhos em folhas de papel jornal. A assiduidade aumentou consideravelmente e geralmente nos reuníamos em uma média de 15 participantes. Mas minha sensação de impotência permaneceu e eu continuava a sentir que tudo que dizíamos

caía no vácuo ou que minha fala adquiria sempre um tom explicativo. Fábio ensina o grupo a fazer dobraduras. Lucimar escreve a seguinte poesia e me pede para ler em voz alta:

*Rosto alegre, coração triste, saudade perdida, lembranças amargas. O amor perguntou ao ódio: por que me odeia tanto? Por que um dia te amei muito. Um vazio dentro de mim sem esperanças. Vida no peito contida, encerradas histórias que não falam. Ninguém contou.*

Fábio, em seguida, conta a piada de uma mulher que dobrou o capeta, dizendo: “*as mulheres dobram até o capeta*”.

Em um dos encontros, em que a família de Rômulo esteve presente, não levei o material gráfico a fim de conversarmos sobre como se sentiam. Na conversa, percebo que não conseguiam visualizar mentalmente o trabalho já feito, nem falar sobre o jornal como um projeto em elaboração. Lúcio não participou diretamente mais. Todos os outros dias ele permaneceu calado, como que esperando pelo final do projeto sem nada poder fazer. Quando eu o questionava sobre este posicionamento, ele dizia: “*Não sinto vontade; não vai mudar nada*”. Ele não se cansava de repetir que não teríamos impressoras nem papel para seu término. Após sua saída do grupo neste dia, ele foi criticado pelos demais como aquele que é metido a certinho e que quer ser o professor.

Meire aponta que ele é uma pessoa que carrega em si muitas dúvidas, que tudo o que vai fazer é assim, não consegue se decidir nem escolher nada, apontando seus traços obsessivos. Penso que a ideia de um trabalho feito em conjunto, e que teria uma repercussão final aumentou-lhe a persecutoriedade e o paralisou. Ele veio em todos os encontros restantes, mas em apenas um conseguiu se manifestar, escrevendo uma carta que apresento a seguir.

*Retomada*

*Nós, desde o início de nossas vidas, nos deparamos com dificuldades de diversas formas. No entanto, por ela passamos e na maioria das vezes, percebemos no que erramos. Nossas trajetórias sempre terão barreiras, algumas grandes, outras mais suaves, porém sempre as teremos. A paciência aliada a uma meta de melhoria, junto com as possibilidades que obtemos aqui, que são: moradia, amigos, tratamento, alimentação material e espiritual, nos dá uma nova oportunidade sem igual para nos reintegramos e resgatar tudo o que foi perdido. Nós vimos nossos sonhos desfeitos, ouvimos respostas amargas, suportamos o abandono daqueles que mais amávamos, erramos em muitas coisas, colhemos o abandono e a nossa desilusão. Entretanto, devemos, por intermédio do nosso mestre Jesus, recomeçar. Para podermos colher bons frutos temos que plantar a semente e cultivá-la, visando o amor, respeito, bondade e calma para refletir nas fases e resultados bons, por pequenos que sejam. Contudo todos os problemas e com certeza alguns novos, voltarão. A única coisa que não volta é a oportunidade. Podemos ter certeza de que estamos aqui nesta casa abençoada tendo mais uma grande chance de melhoria. Todos somos capazes, trace seu caminho, seja objetivo no que quer, procure dar importância nas coisas que vem do alto, reflita nelas. Somente assim conhecerás e colherás bons frutos que lhe darão forças para retomar sua vida e conquistar a felicidade. (Lúcio).*

Diante das dificuldades que enfrentávamos em permanecer no grupo, este texto de Lúcio pode ser interpretado como dirigido a mim em sua tentativa de confortar-me em meu sofrimento. Penso que, inconsciente e conscientemente Lúcio captou meus afetos e isto o levou a participar dos encontros mais defensivamente. Ao final deste encontro, Rômulo se emociona quando me despeço e na saída Henrique desabafa não estar participando porque não queria se misturar com os demais, dos quais “*só sai coisa que não presta*”.

Nosso penúltimo encontro foi marcado pela morte de um dos moradores ocorrida durante a semana. O clima foi pesado e tenso. Lúcio é quem me dá a notícia e novamente se



queixa da ausência de computador e impressora na instituição para fazermos o jornal. Meire também se queixa de sua dificuldade em permanecer na casa e me pede para mandar um recado para sua irmã pela internet. Fábio comenta que o presidente havia chegado e que isto faria com que muitos viessem para o grupo. Ângelo chega e seu jeito descontraído traz alguma leveza ao ambiente. Sinto todos dispersos e Rômulo tenta me acalmar dizendo que seu desenho em breve estará pronto. Surgem reclamações de um mosquito que incomodava e das canetas que sumiam na mesa.

Uma moradora nova se senta distante do material gráfico e me solicita material todo momento. O presidente passa pelo grupo e todos ficam eufóricos com sua chegada. Ele me pergunta se estão dando muito trabalho, me recomendando usar um chicotinho. Meire o defende, dizendo serem palavras “*da boca para fora*”. Rômulo entrega um desenho da instituição em forma de uma grande casa onde está escrito: “*Aqui começa o futuro*”. Uma nova moradora, Maria, chega e me conta de sua relação com o marido e as drogas: “*Estávamos igual dois afogados; um puxando o outro*”, diz ela. Meire comenta que apenas eu valho alguma coisa ali, que perco o tempo com eles, porque ali ninguém vale nada. A impressão neste dia é de que eu seria engolida, devorada, engolfada pelo grupo. A presença viva da morte me travou. Fui embora me sentindo impotente, sugada e culpada.

No dia de nosso último encontro, chego e deparo-me com a casa muito quieta. Sinto-me triste e apreensiva. Sento-me na área de convivência, observo e não os convido para formarmos o grupo. Lara oferece-me café e, por eu não aceitar, Fábio me questiona sobre o meu receio de usar suas xícaras. Juliano escuta e diz ter me visto tomando café com eles várias vezes e que isto não era verdade. Lara aparece contando da cirurgia que precisava fazer e não conseguia, e Fábio comenta estar bravo, pois queria sair e Alberto não permitia. Meire comenta que sua semana foi “*como um tsunami*” e reclama da televisão ligada o tempo todo

no programa Chumbo Grosso<sup>3</sup>. Ela diz que sugeriu à direção da casa que contratasse um psicólogo para todos os dias, que ficasse lá quatro horas por dia. No meio da conversa, Gustavo me pergunta: “*Então, você não vai vir mais?*”. Respondo que não, que aquele era meu último dia e que eu trazia o jornal pra eles verem.

À medida que o jornal circulava, eles se juntavam em dois ou três para verem. Todos gostavam quando encontravam seus nomes logo abaixo de seus trabalhos. Lúcio, quando o olha, pergunta-me quanto custou, comenta o preço caro e se queixa por não podermos fazer muitos exemplares. Rose elogia dizendo que muitos se arrependerão por não terem participado e perdido a oportunidade, pois agora o jornal irá para a biblioteca e todos os visitantes poderão vê-lo. Despeço-me e saio da casa sentindo-me muito mal, com a sensação de estar lhes abandonando. Repensando o sentido simbólico de minhas mudanças de estratégias durante a pesquisa, aponto que subjacente à proposta da feitura do jornal, esteve novamente minha ilusão e desejo de tornar nossos encontros lembrados, registrados, publicizados, menos fluídos. Talvez eu precisasse dizer publicamente que existíamos. Tentando realizar no concreto (o jornal) algo que não se estabelecia no plano simbólico (o grupo psicoterapêutico), penso que eu procurava confortar-me por outra coisa que não se efetivava, a saber, o grupo idealizado por mim.

#### *4.6 - As travestis e o sintoma institucional.*

Falar das travestis na instituição é falar em corpo, desejo, sexualidade e gozo e, a meu ver, elas denunciam aspectos importantes da relação transferencial da instituição com o

---

<sup>3</sup> O programa Chumbo Grosso é um programa jornalístico policial veiculado de segunda a sábado. É um programa de relativa audiência regional. O programa veicula ao vivo os principais crimes do dia, todo tipo de delitos e ainda a prisão de acusados pegos em flagrante, com seus depoimentos.

mundo externo. Um lugar que procura, a todo custo, dominar os desejos do corpo e elevar os dotes da alma não comportaria a travestilidade escancarando o pecado e os desejos mais proibidos: a liberdade sexual, a sexualidade homoerótica, a poligamia, a perversão. Seus trejeitos incomodam, perturbam e causam estranhamento. As travestis, juntamente com os demais *personagens* da instituição, transformam a casa em uma espécie de cenário bizarro. Refiro-me aqui à travestilidade na e da casa, pois as travestis desvelam o desejo na/da casa de negação da lei.

Segundo Ambra e Jr (2012), na contemporaneidade, a lógica de produção, de consumo e financeira propicia ao sujeito a possibilidade de anular a distância entre si mesmo e seu desejo através da satisfação irrestrita de suas necessidades pelo consumo de objetos e esta lógica de satisfação passa a governar tanto a relação do sujeito consigo mesmo como com os outros. Os autores enquadram esta lógica dentro de um discurso o qual denominam discurso do capitalista, sendo este um discurso:

Que tem como mensagem é possível redefinir-me de forma concreta, ou seja: conflitos que tradicionalmente parecem ter sido resolvidos de forma narrativa – por exemplo, sou feio e isso me traz dor, portanto converso com amigos, escrevo livros, vou ao psicólogo, me deprimos. . . – hoje encontram uma saída imaginária, no sentido lacaniano. Pode-se, e em algum sentido deve-se, pagar uma plástica e fazer com que a imagem coincida com o ideal e, mais ainda, que a modificação de meus ideais corporais possa ser sempre seguida por uma reconfiguração física. (Ambra & Jr., 2012, p.107).

A partir deste discurso, os autores apontam a questão das modificações corporais, do lugar do corpo na contemporaneidade e a questão de seu impacto na subjetividade do travesti, que usa o corpo como uma ferramenta de luta pelo reconhecimento. Para as travestis esta luta pelo reconhecimento é fatal, diante do caráter de exclusão que enfrentam, do preconceito, da

violência policial e do descaso em políticas públicas. Segundo os autores, elas são “um dos grupos sociais menos reconhecidos social, subjetiva ou juridicamente.” (Ambra & Jr., 2012, p.102). Deste discurso decorre que o sujeito passa a relacionar-se com seu desejo a partir da imagem de seu corpo e de suas novas configurações. O corpo passa a ser considerado concreto, definidor da identidade e ferramenta de luta pelo reconhecimento. Segundo os autores, é pela via do corpo que o sujeito contemporâneo imerso num mundo de referenciais fluídos e obsoletos busca reconhecimento e historicização. Isto implica dizer que o sujeito é aquilo que é o seu corpo, apontando para a possibilidade imaginária de redefinição não apenas da imagem ideal, mas do ser.

O incremento de práticas corporais na contemporaneidade como as tatuagens, piercings, escarificações e no caso das travestis, as cirurgias e as diversas práticas de apagamento dos traços masculinos como o ab (uso) de hormônios femininos representam “um nó que enlaça, por um lado, a tentativa de subjetivação ante as experiências de fragmentação narrativa, vivenciadas na contemporaneidade, e, por outro lado, o imperativo de gozo.” (Ambra & Jr., 2012, p.109). O imperativo de gozo premente da contemporaneidade diz respeito no pensamento Lacaniano àquilo que se instaura na subjetividade advindo da ordem do impossível de se representar, ou seja, da ordem da pulsão de morte. Já foram delineadas neste trabalho as relações entre as ações do terceiro setor, as ONGs, o discurso solidário da filantropia e a violência em que esta lógica discursiva se instaura alocando aquele que dá e aquele que recebe em polos opostos, onde o eu do primeiro é potencializado e retira a potencia do segundo.

Depois de delineada a relação entre violência psíquica e pulsão de morte em seu sentido mais maléfico a partir deste discurso, o que se pretende salientar aqui é que associado à lógica contemporânea de subjetivação discutida pelos autores acima citados, há o imperativo do gozo se fazendo presente na travestilidade, possibilitando interpretar a travestilidade como

a expressão do sintoma institucional. As travestis escancaram tudo que a instituição se esforça por manter reprimido e escamoteado. Podem assim ser pensadas como depositárias do reprimido institucional. Esta hipótese dialoga com a hipótese deste trabalho de que a instituição funcionaria como a grande máquina mental humana proposta por Freud. O travestismo como sintoma institucional se encaixa na lógica dos acontecimentos psíquicos da instituição: projeta-se o recalcado e este retorna sob a forma de sintoma.

## Considerações Finais

No cenário institucional, por ser inerente ao sujeito estabelecer seus laços narcísica e paradoxalmente entre amor e ódio, o vínculo é sempre conturbado, permeado por tensões e conflitos, tornando as inter-relações complexas e de difícil apreensão. Na instituição em questão, um vínculo indiferente e pernicioso comigo e entre os moradores me perturbou e instigou a apreender seu sentido. Em função disto, a instituição e este trabalho representaram mais que um lugar a ser investigado e uma pesquisa a ser desenvolvida, um contato genuíno com minhas mazelas e incongruências. Estabeleci uma relação transferencial com o grupo que me possibilitou, em meio à desesperança e a solicitude, apreender aspectos importantes e complexos de sua/nossa psique. A desesperança indicava a ausência de chão para pisar, de alguma estabilidade em nosso vínculo e a solicitude, a maneira como eu reagia a isso, com uma simpatia bizarra.

Esta *modalidade vincular* minha era muito semelhante à do grupo, o qual geralmente também me *aceitava* com demasiada complacência. Assim, fui levada a vivenciar, “em carne viva”, o que eu tentava apreender e estudar teoricamente: o processo de identificação. Segundo Enriquez (2005), todo processo de pesquisa que considere o método psicanalítico é tecido com a subjetividade do pesquisador, pois:

*A démarche* analítica é, em sua essência, uma *démarche* na qual o pesquisador não pode ser separado ao homem de ação (o cientista do terapeuta), em que o pesquisador está pessoalmente implicado em seu projeto. . . . Se, então, Freud tivesse tido outros interesses, se tivesse nascido em outro meio, ele não teria constituído seu objeto de ciência da mesma maneira (p. 156).

Vivi neste trabalho fortes impactos emocionais, diante da vontade de desistir, começar tudo de novo, de outro jeito, em outro lugar. Apreendi que as instituições oferecem proteção ao desamparo às avessas, em seu modo mais cru, pelo sincretismo, pela negação da loucura, pela violência e indiferença. Chamei de demanda de morte na instituição, os recados do grupo para que eu não os perturbasse e deixasse as coisas como estavam, seus modos de se comunicarem silenciosa e conformadamente com suas ausências em nossos encontros. O seu discurso se encaixava nos moldes das instituições totais e eu respondi a isso simpática e ambivalentemente, sentindo-me *morta* em momentos em que a vida precisava se impor e ávida em momentos que a vontade de desistir era maior que eu.

O desejo de montar o grupo psicoterapêutico e minha crença/ilusão de que aquelas pessoas precisavam de psicoterapia foi uma tentativa de me garantir alguma *potência-vida* naquele lugar. Eu sentia que a pesquisadora (a mãe real) não poderia fazer muita coisa ali, mas a *missionária-psicóloga* (a mãe ideal), esta sim. Mas o ápice de toda a experiência foi a vivência da desilusão. Foi pela ordem da negativa, por aquilo que saía às avessas, que não acontecia ou “não dava certo”, conforme minhas expectativas, que este trabalho aconteceu. Desiludir-me foi frustrante, mas não tão ruim, pois me tornou um pouco mais resiliente.

Esses movimentos contratransferenciais e a apreensão dos quatro discursos da instituição levaram-me a apreender que, na vida institucional, o ódio é o principal constituinte do laço e que a ilusão se impõe na psique grupal sempre pelas vias da pulsão mortífera em seu sentido maléfico, pois sua tendência principal é exterminar com a tensão. O laço é traçado pela pulsão, no sujeito, no grupo e na instituição e se todo material projetado na instituição escoar-se para algum lugar, esse lugar é o sintoma institucional. Na presente instituição, este sintoma expressa-se na figura/personagem das travestis, que provocam no outro a estranheza advinda do gozo que expõe os nós do desejo e suas contradições. Diante da exclusão, do estigma e da violência social de que são vítimas, as travestis se utilizam de seus corpos de

forma agressiva e bruta, nesse sentido, demandam morte na tentativa de alcançarem amor e reconhecimento.

Enfim, apreendi que a *casa/instituição* pesquisada pode ser compreendida como um paradigma da pós-modernidade, pois não oferece condições para habitar o desejo e favorecer alguma subjetivação, se estabelecendo como um lugar ambivalente e pouco acolhedor, breve, transitório, passageiro. Que nome lhe dar? Não consegui *batizá-la*. Assim como foi muito difícil nomear este trabalho. É um asilo, um abrigo, uma ONG, uma instituição, uma associação, uma comunidade? Ao longo da pesquisa procurei nomear essa dificuldade. A impressão é que o lugar serve apenas para passar. Como uma casa em reforma ou em construção, em que paredes, portas e janelas são apenas imaginadas, mas inexistentes. É um lugar para se estar brevemente, pois pode desmoronar, ou não. Nesse sentido, a afirmação de Bleger (1984) de que a instituição repete os sintomas daquilo que se dispõe a tratar é pertinente.

Desiludi-me com o grupo, mas não perdi o espírito fraterno. Em tempos de individualismos e egoísmos doentios, me propus discutir a vida institucional e a grupalidade, sonhando criar espaço para o novo, gerar reflexões e críticas. Sendo assim, em tempos pós-modernos, este trabalho talvez possa ter sua relevância ao tocar em questões afetivas um tanto esquecidas e desconcertantes. Permanece o desejo gregário de compartilhar descobertas, de convidar parceiros para pensar sobre as instituições de caráter total (ou fechado) e mirar novos patamares de discussão e de pesquisa.



### Referências Bibliográficas

Ambra, P. & Da Silva Jr, N.(2012) *Travestis e o corpo Social. Notas sobre o reconhecimento e contemporaneidade.* Recuperado em 02-02-13 de <http://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/8825>

Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Arribas, C. G (2008). *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira.* Dissertação de mestrado apresentado no Departamento de Sociologia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Recuperado em 10 de janeiro de 2013, de [http://www.4shared.com/office/sYtoEKIb/2008\\_arribas\\_cg\\_afinal\\_espirit.html](http://www.4shared.com/office/sYtoEKIb/2008_arribas_cg_afinal_espirit.html).

Ávila, L.A. (2009). O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica. *Vínculo Revista do NESME*[online]., vol.1, n.6, pp. 39-52. ISSN 1806-2490. Recuperado em 05 de agosto de 2012 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/v6n1/v6n1a05.pdf>.

Baptista, F. L. C. (2003). Da identificação maciça à emergência do sujeito. *Rev. Mal-Estar & Subjetividade.* [versão online]. vol.3, n.1. Recuperado em 1 de dezembro de 2012 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482003000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482003000100007&lng=pt&nrm=iso).

Bauman, Z. (1999). *Mal estar da Pós-Modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bembibre, M. C. (2013). Laion Monteiro verdadeiramente séries livres. [Mensagem 7]. Mensagem postada para <http://laionmonteiro.wordpress.com/page/3/>.

Berlinck, M.T. (2000). *Psicopatologia Fundamental.* São Paulo: Escuta.

Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos.* Rio de Janeiro: Imago.

Birman, J.; Serra, A. & Gabbay, A. et al. (1988). *Os descaminhos da subjetividade. Um estudo da instituição Psiquiátrica no Brasil.* Niterói: Editora Universitária.

Birman (2009). *Mal estar na subjetividade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bleger, J. (1984). *Psico Higiene e Psicologia Institucional*. Porto alegre: Artes Medicas.

Bleger, J. (1995). *Temas de Psicologia. Entrevista e Grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

Dias, M. G. L. V. (2009). *Identificação e enlaçamento social: a importância do fator libidinal*. São Paulo: Escuta.

Didi-Huberman, G. (1998). *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34.

Enriquez, E. (1991). O trabalho da morte nas instituições. In Kaës, et al. (Orgs). *A instituição e as instituições*, pp.53-77. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Enriquez, E. (2005). *Psicanálise e ciências sociais*. *Ágora*, VIII (2), pp153-174.

Faria, M. W. S. de (2009, 08 de setembro). A pragmática do laço social em um centro de atenção à toxicomania. In *Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*. [Almanaque online n. 5]. Recuperado em 10 de outubro de 2012 de <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/05/textos/MariaWilma.pdf>.

Fontanari, J. (2007, jan, fev. e mar.). O sujeito e seus vínculos ou o vínculo e seus sujeitos? Sobre o nó e a rede. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre, nº 1. Recuperado em 05 de setembro de 2012 de [www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php).

Freud, S. (1897/1969). Rascunho L. Publicações. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. I. pp.335-338). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).

\_\_\_\_\_ (1913/1969). O interesse psicológico da Psicanálise. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIII. pp.199-210). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

\_\_\_\_\_ (1913b/1969). Totem e Tabu. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIII. pp.13-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913c).

\_\_\_\_\_ (1914/1969). Sobre o Narcisismo: Uma introdução. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIV. pp.85-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

\_\_\_\_\_ (1915/1969). O instinto e suas vicissitudes. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIV. pp.129-164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

\_\_\_\_\_ (1921/1969). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad. Vol. XVIII. pp. 89-182). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

\_\_\_\_\_ (1925/1969). A Negativa. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIX. pp.293-302). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

\_\_\_\_\_ (1927/1969). O Futuro de uma ilusão. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XXI. pp.13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

\_\_\_\_\_ (1930/1969). O mal estar na civilização. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XXI. pp.75-174). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

\_\_\_\_\_ (1933/1969). Por que a guerra? In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XXII. pp.237-262). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

Goffman, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos*, São Paulo: Perspectiva.

Herrmann, F. (1999). *O que é Psicanálise Para iniciantes ou não....* São Paulo: Psique 1.

\_\_\_\_\_ (2001). *Introdução à teoria dos Campos*, São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herzog, R. (2004). O laço social na contemporaneidade. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. 3, p. 40-55.

Kaës, R.; Bleger, J.; Enriquez, E.; Fornari, F.; Fustier, P.; Rossillon, R. & Vidal, J.- P. (1991). *A instituição e as instituições*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

\_\_\_\_\_ (2007). *Um singular plural: a Psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola.

Landim, L. (1993). *A Invenção das Ongs: do serviço invisível à profissão impossível*. Tese de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Le Bon, G. (1963). *Psychology des foules*. . Paris : Les Presses universitaires de France. [Texto original publicado em 1895].

Leite, S. (2002). Das relações sujeito-instituição: uma leitura psicanalítica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 2 (2), pp. 145 -160.

Loureiro, C.S. (2005) O prazer no fenômeno das dependências. In Silveira, D. X. & Moreira, F. G. (Orgs.) (2005). *Panorama atual de drogas e dependências*. v. 1. p.493 São Paulo: Editora Atheneu.

Maffesoli, M. (1996) *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes

McDougall, W. (1920). *The Group Mind*. Cambridge: University Press.

Melazzo, A.P.S.F. (2010). *Entidades não-lucrativas de Uberlândia: um estudo psicanalítico sobre a lógica discursiva diante das novas formas de subjetivação*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado em 10 de março de 2012, de [http://www.btdt.ufu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3108](http://www.btdt.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3108)

Pelucio, C. & Miskolci, R.(2009) *A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes*. *Sexualidad Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, n.1, pp.125-157. Recuperado em 10 de novembro de 2012, de [www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org).

Násio, J.-D. (1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

Nakasu, M. V. P. (2006). Os vestígios da pulsão de morte na formação grupal. *Encontro*, v. 11, p. 52-61. Santo André – SP

Neves, A. S. (1999). O psicólogo e o paciente-instituição: considerações teóricas acerca da intervenção. *Psicologia Ciência e Profissão*. vol.19 n.2. Brasília.

Oliveira-Megotto, L. M.; Lopes, R. C. S. & Caron, N. A. (2010). O método Bick de observação da relação mãe-bebê: aspectos clínicos. *Psicologia Clínica*, vol.22, n.1, pp.39 – 55. Rio de Janeiro. Recuperado em 10 de novembro de 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a03v22n1.pdf>.

Kardec, A. (1994). *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.

Pessoa, F. (1973). *Novas Poesias Inéditas*. Lisboa: Ática.

Poli, M. C.(2005) *Clinica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente*. São Paulo: Escuta.

Santiago, J. (2001). *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar.

Silveira, D. X. & Moreira, F. G. (Orgs.) (2005). *Panorama atual de drogas e dependências*. v. 1. São Paulo: Editora Atheneu.

Winnicott, D. & Bogomoletz, D. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.

## Anexo: Termo de Compromisso Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada Sujeitos soropositivos vivendo em grupo: que relação é esta?, sob a responsabilidade dos pesquisadores Raquel do Prado Xavier e Anamaria Silva Neves.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como se forma o vínculo em sujeitos que vivem em grupo na instituição FALE

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Raquel do Prado Xavier, no momento do encontro individual com os sujeitos na instituição FALE.

Na sua participação você fará parte de um grupo psicoterapêutico juntamente com mais 11 membros. O material a ser coletado diz respeito às suas colocações no grupo e será analisado de acordo com o método interpretativo da Psicanálise.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

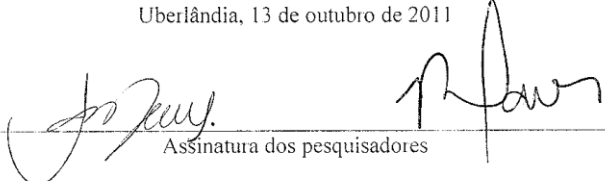
Os riscos consistem em: mobilização de sentimentos e geração de angústia, o que poderá ser falado e cuidado nos encontros em grupo. Os benefícios serão que você terá a oportunidade de um espaço onde poderá falar à vontade sobre o que quiser e ser ouvido pelos outros membros e pela pesquisadora e assim, poder cuidar de suas questões afetivas e suas formas de se relacionar com os outros, com a doença e com a vida em geral, ganhando melhoria na qualidade de vida; e por participar desta pesquisa, estará também colaborando com a melhoria da vida de outros sujeitos nas mesmas condições.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Raquel do Prado Xavier, no Tel 8816 9065 e Anamaria Silva Neves, no Tel 9801 4385, na Av. Maranhão S/N BL. 2c B Umuarama, CEP 38400-902, Fone 3218 2701 ou poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131

Uberlândia, 13 de outubro de 2011

  
Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa